

ESTUDANTES



FACULDADE
DE DIREITO
DO RECIFE

Q.3, m.3, 3946

ESTUDANTES

FACULDADE DE DIREITO DE RECIFE

ANO I

A G O S T O — 1946

N.º 1

Diretor-Responsável: Paulo Rangel Moreira

Redator-Geral: José Laurênio de Melo

Redatores: Heitor Pinto de Moura

Antônio Brito Alves

José Rafael de Menezes

Ivan Pedrosa

Guerra de Holanda.

Diretor de Publicidade: Ari Santa Cruz

— — — — —

Colaboram neste número: Cleodon Fonseca, Gilberto Freyre, Gláucio Veiga, Edson Regis, Silvio de Macedo, Arnóbio Graça, Luiz Luna de Almeida, Otávio de Freitas Junior, Hermilo Borba Filho, Joel Pontes, Laurênio Lima, Ariano Suassuna, José Gonçalves Filho, Rodolfo Rangel Moreira, Guerra de Holanda, Antônio Camelo da Costa, Gil de Macedo e Antônio Franca

Capa de Alísio Magalhães

Recife — Pernambuco

Livraria Contemporanea

RAMIRO COSTA & CIA.

Rua 1.ª de Março, 14 e 24

RECIFE

PERNAMBUCO

VENDE LIVROS E PAPEIS HÁ MAIS DE 50 ANOS

1888

1946

AÇUCAR

DIAMANTE

O mais puro

O mais alvo

O mais sêco.

Casa Macêdo

MACÊDO & IRMÃO

PERFUMARIAS E MIÚDESAS

Essências, óleos, álcool,
corantes, (para bebidas e bôlos
e doces),

vazelinas, fixador, talco,
petrolatum, etc.

Preços reduzidos

RUA DIREITA N.º 193

R E C I F E

CASA IRIS

CASIMIRO & MESIANO

Relojaria, Ouriversaria e Ótica

Compra platina, ouro, brilhantes e
pedras preciosas. Cravador de pedras.
Reforma de jóias. Consêrtos de relo-
gios, óculos e pince-nez. Vidros de
gráu, vidros de côr, grande sortimen-
to. Consêrtos e gravuras de letras e
monogramas.

PREÇOS MÓDICOS

Cambôa do Carmo, 108



A Empresa "DIARIO DA MA-
NHA" S/A, continua na vanguar-
da dos boas casas no ramo de
tipografia. Esta Revista foi con-
fecionada em suas oficinas. Ob-
serve, atentamente, a sua feição
material e certifique-se da reali-
dade do que afirmamos.

Rua do Imperador, 227 — Fone:
6647

Recife

Pernambuco

**Olhe o Oleo do seu carro,
se não fôr**

Sunôco

Motor

Oil,

nem olhe-o!!!

Sunôco Motor Oil, o único Refinado pelo
moderno processo de Banho-Maria. O inimigo
público numero um do desgaste do motor do
seu carro.

Pedido para SOCIMEX,
Rua do Brum - RECIFE

Ac. 328834
Em. 2
8926262

ESTUDANTES

se propõe a ser um itinerário da Faculdade de Direito do Recife. Esta revista contará a todos, abertamente, a intensidade de nossa vida universitária, infelizmente mal divulgada no meio de nosso povo. Refletirá a densidade cultural, o pensamento de uma parcela de gente moça que não se descuida de estar em dia com os problemas atuais. Estes, tomados em suas várias modalidades -- morais, sociais, políticas, artísticas, religiosas, jurídicas -- serão aqui apresentados numa tentativa de compreensão e esclarecimento. Isto quer dizer que nós, estudantes, não participamos conciliatóriamente da tragédia, nem nos acomodamos com atitudes passivas. Embora para alguns espíritos pouco lúcidos todos os caminhos terminem no abismo, nossa consciência exige que lutemos pela inauguração de um plano humano de vida.

DIREITO PROCESSUAL DO TRABALHO

CLEODON FONSECA

(Advogado nos auditórios do Recife)

O regime do processo clássico era um regime de especulações teóricas e formalistas, feitas em uma longevidade prejudicial ao direito do economicamente fraco.

Mas, "la ciencia procesal moderna consagró definitivamente la independencia del derecho procesal, consolidando su sistematización jurídica y científica" (1).

GOIDSCHIMDT explica a nova teoria da situação jurídica: ela é o conjunto de expectativas, possibilidades, cargas e liberação de cargas de cada uma das partes (2).

A jurisdição especial do trabalho, que é privada e administrativa, representa a vitória daqueles princípios de imediatidade, concentração e oralidade, característicos da moderna processualística.

Mas o processo do trabalho se caracteriza, antes de tudo, pela instituição de um privilégio de fóro. Em virtude da distância econômica das partes litigantes, foi proclamada essa jurisdição especial de privilégio ou fóro privilegiado, capaz de apreciar mais livremente os fatos e as circunstâncias que circundam os litígios existentes entre essas duas forças dessemelhantes e antagônicas: o empregado e o empregador.

Na opinião de ALARCON Y HORCAS, a justiça do trabalho não se satisfaz apenas com o *jus suum* do clássico romanismo, aspirando, entretanto, ser o oásis da paz entre os elementos que lutam na chamada questão social (3).

E' neste caráter de privilégio e de classe que, segundo a opinião de GAILART FOLCH, a justiça do trabalho encontra fundamentalmente a sua mais ampla justificação (4).

LUIGI DE LITALA define o direito processual do trabalho como o ramo da ciência jurídica que dita as normas instrumentais para a atuação do direito do trabalho e disciplina da atividade do juiz e das partes em todo o procedimento relacionado à matéria do trabalho (5).

URBINA, estudando os fundamentos da processualística do trabalho, entende como processo ou direito processual que disciplina essa atividade, o "conjunto de reglas jurídicas que regulan la actividad jurisdiccio-

nal de los tribunales y el proceso del trabajo, para el mantenimiento del orden jurídico y económico en las relaciones obrero-patronales, interobreras y interpatronales (6).

A legislação do trabalho, inclinando-se a essa finalidade, observada, antes de tudo, a situação de abandono do empregado, economicamente fraco, é como diz PALACIOS, ao mesmo tempo protetora e emancipadora (7).

Sobre a autonomia científica do direito do trabalho, é suficiente partir das conclusões de MOSSA quando afirma que não há direito especial sem juiz próprio, nem matéria jurídica especial sem um direito autônomo (8).

Ora, além de ser, o direito do trabalho, uma disciplina autônoma, o seu juiz é especial e próprio, quer dizer, juiz cuja função especial se destina ao julgamento dos conflitos individuais e coletivos do trabalho.

Não obstante compreender princípios de direito privado e de direito público, "el derecho del trabajo no pertenece ni al derecho público ni al privado", escreve URBINA, em seu livro sobre o direito processual do trabalho (9).

A natureza desse direito, como adverte o mesmo autor mexicano, deriva das causas do seu nascimento e seu objeto fundamental, podendo concretizar-se no conceito de que o direito do trabalho é reivindicador da entidade humana desprotegida que só conta com a sua força de trabalho para subsistir, significando uma ação socializadora que iniciou a transformação da sociedade burguesa para um novo regime social de direito.

Na opinião de URBINA, o direito do trabalho constitui, por sua vez, uma consequência da crise da lei, não no direito (10).

A lei processual civil, segundo CHIOVENDA, pertence ao direito público, já que regula mais ou menos imediatamente uma atividade de pública (11).

Todavia, o direito processual do trabalho regula princípios de atividade pública, embora não constitua um capítulo do direito público, porque representa, antes de qualquer outra disciplina, uma função social do

Estado em benefício das classes trabalhadoras. Mas o direito do trabalho, como adverte URBINA, pertence a um determinado tipo legislativo novo que não se pode atribuir diretamente ao direito público. As leis do trabalho têm uma característica especial: constituem o triunfo da tese do proletariado na jurisdição especial do trabalho (11). Isso, entretanto, não importa em negar as íntimas relações entre o direito processual do trabalho e o direito processual comum, dado que o direito processual civil ordinário constitui a alma mater de todas as disciplinas processuais em particular. Assim, pode observar-se nas disposições do processo comum e do processo do trabalho, a natureza da ação que, no direito do trabalho, é reclamação, além dos aspectos relativos aos recursos interpostos que só diferem no prazo determinado respectivamente no processo comum e do trabalho.

ALFONSO MADRID só concebe uma fonte do direito: a força (12).

MARIO DE LA CUEVA, estudando as fontes do direito do trabalho na legislação mexicana, esquece, entretanto, a equidade — uma de suas fontes primordiais (13).

As fontes principais do direito do trabalho, segundo GALLART FOLCH, são a lei, as disposições regulamentares emanadas dos órgãos corporativos, o costume e a jurisprudência (14). LITALA invoca na qualidade de fontes do direito do trabalho, as leis italianas que organizam a magistratura do trabalho, sua competência e processo, invocando ainda como fonte subsidiária o código de processo civil, aplicável analogicamente ao processo do trabalho, quando falta uma de suas normas ou a norma é insuficiente para disciplinar a relação jurídica (15).

A lei mexicana, em seu art. 16, consagra como fontes essenciais do direito do trabalho:

"Los casos no previstos en la presente ley, o sus reglamentos, se resolverán de acuerdo con la costumbre o el uso, y en su defecto, por los principios que se deriven de esta ley por los del derecho común en cuanto no la contraríen y por la equidad".

Não se distancia da lei mexicana, a Consolidação das Leis do Trabalho:

"Art. 8 — As autoridades administrativas e a Justiça do Trabalho, na falta de disposições legais ou contratuais, decidirão, conforme o caso, pela jurisprudência, por analogia, por

equidade e outros princípios e normas gerais do direito, principalmente do direito do trabalho, e, ainda, de acordo com os usos e os costumes, o direito comparado, mas sempre de maneira que nenhum interesse de classe ou particular prevaleça sobre o interesse público".

Outra função precípua dos tribunais do trabalho é o seu caráter de tribunais de consciência:

"Según jurisprudencia sentada por la Suprema Corte, las Juntas de Conciliación y Arbitraje, estatuidas para dirimir conflictos obreros, no son tribunales de derecho, que deban estar sujetos sus laudos, a los procedimientos y reglas de derecho escrito, sino tribunales de conciencia, que fallan a verdad sabida y buena fe guardada" (16).

De consciência ou de equidade, qualquer que seja a sua finalidade julgadora, as Juntas de Conciliação e Julgamento se inclinam à solução dos conflitos entre o capital e o trabalho, sobrepondo, em qualquer processo de sua competência, a necessidade da justiça sobre a necessidade da certeza, como escreveu um tratadista a respeito da matéria.

As Juntas de Conciliação e Julgamento brasileiras, além de suas funções, têm uma especial competência, que se divide, conforme o objeto do litígio:

I — Competência *ratione materiae*

II — Competência *ratione loci*

III — Competência pessoal

e

IV — Competência por conexão,

A competência *ratione materiae* é o poder que têm os tribunais de primeira instância da justiça do trabalho, de tomar conhecimento dos conflitos gerados entre patrões e trabalhadores, sejam individuais ou coletivos, mas sempre relacionados à vida do trabalho. A justiça do trabalho é incompetente, *ratione materiae*, para resolver, por exemplo, os conflitos existentes entre os funcionários públicos federais e os seus superiores hierárquicos. Seu objeto são as relações individuais e coletivas do trabalho nas empresas privadas.

Segundo a competência *ratione loci*, as Juntas de Conciliação e Julgamento só têm poderes para resolver conflitos originados e nascidos nos limites geográficos onde se exerce a sua atividade jurisdicional.

As Juntas de Conciliação e Julgamento,

de acôrdo com a sua competência pessoal, não podem fazer extensivo o seu poder ou a sua competência além daqueles conflitos entre trabalhadores em geral, cuja categoria econômica e profissional está prevista e regulada na Consolidação Brasileira.

E, finalmente, a competência por conexão dá aos tribunais do trabalho poderes para conhecer dos litígios entre os trabalhadores das atividades conexas, ou profissões liberais, reconhecidas na lei.

A Consolidação Brasileira traçou, definitivamente a competência *ratione loci* dos tribunais do trabalho, em seu art. 651:

"A competência das Juntas de Conciliação e Julgamento é determinada pela localidade onde o empregado, reclamante ou reclamado, prestar serviços ao empregador, ainda que tenha sido contratado noutro lugar ou no estrangeiro".

De qualquer maneira, a função interpretativa dos tribunais do trabalho, em matéria de conflitos, deve corresponder, como observa URBINA, seguindo SICHES, à natureza particular de sua realidade econômica, à função de tutela e melhoramento das condições de vida dos trabalhadores (17).

Aliás, o projeto do código de processo do trabalho mexicano adota, além de outras regras, as seguintes:

I — Ordenação metódica e adequada das normas processuais;

II — Melhoramento da organização das Juntas de Conciliação e Arbitragem, conservando sua composição tripartida para manter o ideal constitucional;

III — Emprêgo de terminologia clara e precisa;

IV — Criação de regras sintéticas de processo, capazes de garantir a solução rápida dos conflitos, de maneira que o processo do trabalho constitua um modelo típico por sua natureza e expedição;

V — Direção e responsabilidade do processo para os juizes do trabalho, consagrando um regime de justiça social, sobre bases de eficiência e honestidade.

As Juntas de Conciliação e Julgamento ou Juntas de Conciliação e Arbitragem, no direito inglês, mexicano e argentino, têm sido consideradas como tribunais administrativos, condição repelida por alguns autores, como URBINA, que explica a respeito do problema:

"Las Juntas son tribunales, pero no administrativos, por cuanto que su jurisdicción no alcanza a revisar disposiciones de la administración; su función es jurisdiccional, de competencia específica sobre el contrato de empleo y a cuyo conocimiento se sujetan las diferencias o conflictos entre el capital y el trabajo: conflictos de clases sociales, colectivos e individuales, em los que no interviene la administración en defensa de sus atos de autoridad" (18).

Composta de um presidente e dois vogais, um dos empregados e outro dos empregadores, a precípua finalidade das Juntas de Conciliação e Julgamento, no direito brasileiro do trabalho, através dos seus componentes é a conciliação dos litígios do trabalho, sejam individuais ou coletivos.

Não alcançada essa finalidade, o juiz de primeira instância ordena o prosseguimento ao feito, ouvindo as provas apresentadas pelas partes, observando, todavia, a imediatidade processual, que é uma das funções essenciais da Justiça do Trabalho como poder jurisdiccional. Daí não ser dever das Juntas o julgamento dos dissídios do trabalho como dissídios do processo comum. É uma justiça so-

cial especializada, que, ante aquela distância social e econômica das partes litigantes, estabelece, por isso mesmo, o privilégio de fóro para a solução dos litígios, como explica ARNALDO SUSSEKIND:

"A Justiça Social só pode ser alcançada com a igualdade das partes perante o aplicador da norma jurídica; se, na realidade, essas partes constituem forças dessemelhantes, torna-se imprescindível a instituição de um privilégio de fóro, para que o fraco seja nivelado ao forte, na disputa do seu direito" (19).

(1) — A. TRUEBA URBINA — Derecho Procesal del Trabajo — 1941 — pg. 7.

(2) — GOLDSCHMIDT — Proceß als Rechoulage — pg. 259.

(3) — ALARCON Y HORCAS — Códigos de Trabajo, II — pag. 618.

(4) — GALLART FOLCH — Derecho Administrativo y Procesal de las Corporaciones de Trabajo — pag. 160.

(Continua na pág. 18)

Estudantes e Mestres

GILBERTO FREYRE

Estudante é uma dessas palavras que têm muito nitidamente dois sentidos: um particular, outro geral. No seu sentido particular, significa o individuo, de ordinário moço ou adolescente, que estuda em determinada escola ou segue determinado curso superior: curso a praso fixo e às vezes, também, a preço fixo que inclui diploma caro e, no Brasil, o chamado anel de grau. No seu sentido geral, a palavra está liberta de todas essas condições rígidas, ou ordinárias, de local, idade, praso e preço de curso, diploma e anel no fim do curso, para significar todo individuo que simplesmente estuda sem preocupações, nem obrigações, de lugar, nem de praso, nem de preço, nem de ostentação de curso. E nesse sentido, têm sido estudantes, não durante cinco, dez ou quinze anos, mas durante a vida inteira, alguns dos maiores homens chamados mestres ou doutores.

Em nosso país, Rui Barbosa morreu menos doutor que estudante. Estudante pelos hábitos de estudo e estudante por esse espírito, que só o estudante tem, de ser sempre moço pela atualidade do seu saber sem prejuízo do amor que o ligue aos verdadeiros clássicos. Dos clássicos, aliás, pode-se dizer que são autores que não envelhecem. E um dos motivos de não envelhecerem é serem sempre objeto de estudo e terem por companheiros, através das várias gerações, os "estudantes eternos".

Morreu estudante o segundo Rio Branco. Seu quarto no Itamarati era o quarto de um estudante. Seus hábitos eram os hábitos de um estudante. Às vezes

adormecia entre os livros e os mapas. Estudava as questões de fronteiras do Brasil lambusando-se de doce como um adolescente ameninado e guloso, estudando verbos irregulares para um exame de latim. Seu gosto de cercar-se de homens inteligentes, de consultar homens de talento, de homenagear homens de gênio, era bem um gosto de estudante, sabido que em todos os países são sempre os estudantes ou os moços a gente mais pronta a admirar, homenagear e consultar os homens verdadeiramente grandes ou verdadeiramente mestres, mesmo quando diferentes dos mestres consagrados.

Os individuos que desde cedo se consideram mestres e deixam de ser estudantes no espírito e nos hábitos, geralmente passam pela vida fechados a uma das maiores alegrias que a vida pode dar a um homem: a alegria de admirar velhos e novos talentos. Alegria tão próxima da alegria de compreender: compreender diferenças, antagonismos e originalidades. Creio que compreendendo e admirando nos outros não só semelhanças como diferenças é que melhor se desenvolve num individuo a sensibilidade e o próprio espírito crítico, só nos inferiores, ou nos suficientes, associado à incapacidade de admirar diferenças e até semelhanças. Esta incapacidade está quasi sempre visinha — repito — da incapacidade de compreender. Duas incapacidades trágicas. Os individuos mais enegrecidos ou apagados pela "vil tristeza" de que fala o poeta — porque há uma tristeza que não é "vil" nem "apagada", mas ao

contrário nobre e lucida — tenho notado que são quasi sempre individuos incapazes de compreender ou admirar nos outros, tanto semelhanças como diferenças.

O verdadeiro estudante nunca sofre dessa incapacidade. Já velho, Rui Barbosa descobriu Monteiro Lobato: um talento extranhamente diferente do seu. Mas não hesitou o velho Rui, que escrevia com a mais fina pena de ouro, em proclamar sua admiração pelo áspero paulista que, mais do que Euclides, apareceu escrevendo com um cipó.

"Estudante eterno", Silvio Romero, não tardou em admirar Euclides da Cunha quando este surgiu com suas diferenças, seus modismos, seus cacoetes, até. É que, através dos defeitos de Euclides, Silvio Romero surpresendera o homem de genio, ou quasi de genio, que nunca é perfeito nem correto nem intellectualmente bem penteado.

Por isto mesmo, na França, os "mestres" custaram a sentir a grandeza nova de um "estudante" como Proust — um Proust experimentalista e não só cheio de modismos e cacoetes, como de repetições e de defeitos de estilo. Defeitos escandalosos para aqueles mestres franceses que não admitiam nem admitem desvios das tradições de medida, de ordem, de clareza que consideram a própria alma da França. Sentiram logo Proust, aqueles franceses mais "estudantes" e menos "mestres" no seu espi-

rito. Sentiram-no ao ponto de verificarem que estavam diante de um genio espantosamente creador e tão "estudante", tão experimental, tão cheio da coragem de aventura no espirito e na técnica como André Gide.

Talvez o mundo intellectual possa ser dividido em individuos que ensinam (entre os quais alguns ainda moços se endurecem em "mestres", contentes com a sabedoria acumulada a praso e a preço fixos nas escolas ou nos cursos) e os que permanecem até o fim da vida "estudantes", isto é, aprendizes, homens experimentais, homens cheios do gosto de procurar compreender a vida, seus problemas e os outros homens — por mais diferentes que os outros homens sejam dos contemporaneos tidos como exemplares e dos próprios clasicos havido por perfeitos. Não só o mundo propriamente intellectual pode ser assim dividido: talvez o possa ser o mundo todo. Até certo limite é bom que a diferença exista: que uns sejam mestres que principalmente ensinem e outros estudantes que principalmente aprendam. Mas sem que os mestres deixem nunca de ser tambem estudantes. E sem que os velhos se esqueçam da advertencia de Gide de que com a mocidade tambem se aprende. Advertencia que pode ser estendida a ponto de admitir que com os estudantes os mestres, por mais completos, tem sempre alguma coisa a aprender.

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S. A.

CAPITAL E RESERVAS:
Cr\$ 23.222.816,60

155 — Avenida Rio Branco — 155

Caixa Postal 444

End. tel. "CASAFORTE"

RECIFE — PERNAMBUCO

A Sociologia do Saber de Max Scheler

(NOTAS)

GLÁUCIO VEIGA

A PINTO FERREIRA, mestre e amigo

MAX SCHELER é para nós avis-rara

A velha queixa de Tobias Barreto, re-
criminando o nosso atraso em matéria de
filosofia reveste-se, hoje, de certa atualida-
de. De nada valeram ao genial e mal-
criado mestiço as suas investidas contra o
pensamento teologicamente rançoso da em-
perrada congregação da nossa Faculdade,
naquela época. A Escola do Recife foi
um movimento, tipicamente, marginal. E
essa marginalidade agrava-se quando se al-
teia o positivismo como bandeira ideológica
do movimento republicano.

Se o positivismo mumificou-se ao cor-
rer do tempo, todavia, a sua presença faz-
se sentir na atitude reverencial e românti-
ca pelo pensamento francês.

Assim, o primeiro fator que nos afas-
ta de Max Scheler como da filosofia ger-
mânica é a sobrevivência da cultura latino-
gauleza em nós, apesar de ser Max Scheler
o mais latino dos tedescos.

Os outros fatores são de ordem pessoal.
O primeiro é a posição filosófica de Scheler.

Scheler foi fenomenologista com Hus-
serl, combatendo os princípios neokantia-
nos da Escola de Magburgo em sua "PHI-
LOSOPHISCHE WELTANSCHAU-
UNG", sendo um dos primeiros a mos-
trar que o Kant dos marghunianos não era
o Kant autêntico e, sim, "um colosso de
bronze que obstruía o caminho da filoso-
fia". Tarefa que Heidegger levaria a
cabo com o seu fundamental ensaio "KANT
UND DAS PROBLEM DER METAPHY-

SIK". Contudo, Scheler vai aos poucos
se afastando da fenomenologia porque vai
além de Husserl: enquanto este limitava-
se às "essências pensáveis", Scheler desco-
bria outras que eram irracionais — os va-
lores. Não caberia, unicamente, ao racio-
nal a apreensão das "essências". Papel
decisivo na captação dessas "essências" es-
taria reservado ao *emocional*. Existe no
sujeito uma *atitude emocional*, um aprio-
ri gnoseológico que se estende até ao ob-
jeto. Desse período de ligação com Hus-
serl, principalmente, na publicação do "A-
nuário de Filosofia e indagação Fenome-
nológico" (1913) até a sua morte (1928)
o pensamento de Scheler foi um eterno
modificar-se; daí as suas contradições. E,
talvês, ainda, daí oponha-se um dos obs-
táculos à perfeita compreensão da obra de
Scheler porque infelizmente desaparecen-
do quando iniciava a estruturação de sua
filosofia o pensamento de Scheler é uma o-
bra-prima inacabada.

Por último o estilo de Scheler.

Nele as idéias se amontoam. Tem-se
a impressão que escrevia ao correr da pe-
na. Que não revia os seus trabalhos. Já
observava um dos seus mais agudos críti-
cos, Francisco Romero, que "as idéias se
sucodem como que se empurrando e até
superpondo-se, obrigando ao leitor a dis-
tinguir e separar por sua conta o que o au-
tor oferece numa série de pensamentos a-
pertados e seguidos".

Por tudo isto Scheler apresenta-se a-
gressivo a toda tentativa de síntese. Su-

mariar o seu pensamento será sempre uma aventura.

x x x

Para Max Scheler o conceito genérico de Sociologia repousa em dois característicos: *primo*, a sociologia preocupa-se com regras e tipos lógicos e se possível de leis; *secundo*, a sociologia analisa de preferência todo o imenso conteúdo subjetivo e objetivo da vida humana, seja qual for o nome desse conteúdo e estuda tal conteúdo tanto descritiva quanto causalmente do ponto de vista de sua determinação. Isto é, procurando fixar as *formas de união e de relação* sucessivas e simultâneas, entre os homens, relações que existem no querer, no compreender, enquanto estas *formas* são objetivamente reais e causais, mesmo as chamadas *formas* inconcientes. Afasta-se aqui Scheler de Max Webber. Porque Webber restringe o âmbito da Sociologia aos "conteúdos com sentido inteligível" (1)

Estas duas divisões da Sociologia são concebidas partindo Scheler dos seguintes pontos de vista:

a) — considerando as *essências* e investigações de fatos acidentais ou seja a Sociologia pura

b) — as conexões e relações entre os indivíduos e os grupos sociais (estática e dinâmica sociais)

c) — investigação do existir e do fazer, da maneira do homem criar valores e conduzir-se que depende de condições preponderantemente espirituais e se dirigem para fins "ideais" e por outro lado a investigação em sua determinação social dessa maneira de criar valores e conduzir-se dirigida por impulsos (impulso de reprodução, nutrição e poder (Fortpflanzungstriebe, Nahrungstriebe, Machttriebe) (2) e que por sua vez se dirigem para fins "reais". Deste modo considera o ato humano espiritual e instintivo, a um tempo. A Sociologia da Cultura estudaria os fins "ideais" e a Realsoziologie, os fins "reais":

"Dieses "vorwiegend"-denn jeder wirkliche Akt eines Menschen ist geistig und triebhaft zugleich-und scharfer gesagt, die je entweder auf Ideales oder auf Reales endgultig gerichtete Zielintention ist es, nach der wir zwischen einer Kultur-und Realsoziologie unterscheiden" (pg 3) op cit

A Sociologia da Cultura da qual a Sociologia do Saber é um ramo, pressupõe uma teoria do espírito enquanto a Sociologia do Real, implicitamente, tem seu fundamento numa teoria dos impulsos:

Und darum ist fur die Kulturosoziologie eine Geistlehre des Menschen und fur die Realsoziologie eine Trieblehre des Menschen eine notwendige Voraussetzung" (pg. 4) op cit

Estas duas sociologias, a sociologia do *uberbau* e a do *unterbau* não se separam totalmente. Qualquer cisão entre o *ideal* e o *real* é inexistente. Entre estes dois polos há um sem número de formas intermediárias como a técnica que vive tanto em função de fatores econômicos como de fatores jurídicos e políticos. A dicotomia sociológica *ideal* e *real* é de natureza ontológica e metodológica (3).

O objetivo da Sociologia é determinar a *lei de ordem de sucessão na atuação* dos fatores ideais e reais (Gesetz der Ordnung der Wirksamkeit der Ideal und Realfaktoren) determinantes do conteúdo de vida total dos grupos humanos e condicionados, sociologicamente, pelas relações entre os homens, formas de relações e agrupamentos sociais. Esta lei para Scheler não é uma norma da sequência dos fatos no tempo como havia acreditado Comte. Da lei da ordem de sucessão na atuação dos fatores ideais e reais pretende Scheler inferir o conteúdo total e pleno da vida dos grupos sociais *em cada momento do fluir sucessivo da história*. Não é uma lei que intente regular o fenômeno

social pretérito. Ao contrário, é uma lei probabilitária, uma lei do *possível chegar a ser*.

x x x

Max Scheler despreza todas as interpretações naturalistas, como o determinismo econômico de Marx, ideológico (Hegel) e intelectualístico (Comte). Considera erro fundamental entre os naturalistas o atribuir aos fatores reais que consideram decisivos como a raça (Gobineau), a estrutura geopolítica, as relações econômicas (Marx) o papel de determinadores unívocos do mundo espiritual. Não obstante, é ilógico — continua Scheler — também certas explicações de ordem espiritualistas ou personalistas de que os fatores reais são um prolongamento do espírito:

Es ist der grundsätzliche Fehler aller naturalistischen Geschichtserklärung das die den Realfaktoren, die sie als die sogenannten ausschlaggebenden ansetzen, sei es Rasse, geopolitische Struktur, politische Machtverhältnisse oder Verhältnisse der ökonomischen Produktion, die Rolle zuschreiben, diese ideale Sinnwelt, wie wir sie in den Werken des Geistes verkörpert finden und an ihnen zum Verständniss bringen eidentig zu determinieren; mit einem Wort, dass sie diese ideale Welt aus der realen Geschichtswelt segar "erklären" zu honen meinen. Es ist aber der mindestens gleichglatze Irrtum aller ideologischen, spiritualischen und personalistischen Geschichtsauffassungen, dass sie umgekehrt verneinen, die Geschichte der realen Begebenheiten der Institutionen und Zustände der Massen direkt oder auf einem Umweg als einem geradlinige Fortschichte der Geistes begreifen zu konen (pg 31) op. cit.

Nesta longa citação de Scheler nota-se

a posição crítica que ele assumiu, repudiando ortodoxismo de qualquer natureza o que foi fundamental não só na sistematização de toda a sua filosofia como, particularmente, na sua sociologia.

Esse cuidado em não se deixar levar de reboque pelas generalizações fáceis, esse mesmo mesmo dizer meio-ceticismo, Scheler nos anuncia logo, à guisa de advertência, nas primeiras páginas de um dos seus últimos livros "DIE WISSENSFORMEN UND DIE GESELLSCHAFT"

"Die nachfolgenden Ausführungen verfolgen ein begrenztes Ziel.

Sie beanspruchen keines dieser Probleme engültig zu lösen; wohl aber wollen sie die Richtungen und Wege eingehend disjutieren, auf welchen dem Verfasser ihre Lösungen zu liegen scheinen (pg 1) op. cit

O *ideal* e o *real* interpenetram-se. São concorrentes na formação de uma cultura.

O espírito, para Scheler, no sentido objetivo e subjetivo seja individual ou coletivo determina pura e simplesmente a "essência" dos conteúdos culturais os quais podem quando assim determinados *chegarem a existir*. Mas, o espírito "por si" não possui uma força ou eficiência causal para dar existência àqueles conteúdos culturais. O espírito não é *fator de realização* e sim *fator de determinação*. Os fatores de realização são fatores reais que Scheler chama de negativos. Dimana desta afirmativa o seu conceito de que quanto mais "puro" for o espírito tanto menor será a sua influência sobre a cultura:

"... "reiner" der Geist, desto machtloser im Sinne dynamischen Wirkens ist er in Gesellschaft und Geschichte" (pg 7) op. cit.

O espírito é impotente em relação aos

fatores reais. Funciona como um simples "derivador" ou "interpolador". E quando o espírito fugindo a essa função específica opõe-se aos fatores "reais" então surge a Utopia.

Não se conclua, entretanto — ensina Scheler — pela predominância dos fatores "reais". O "real" tem uma marcha necessária e cega. O espírito poderá apenas contar com o "real" numa expectativa sempre hipotética e probabilitária; poderá o espírito retardar ou acelerar na medida do tempo os fatores "reais". Nunca, porém desviar o curso desses fatores. Surge, aqui, a *liberté modifiable* e a *fatalité modifiable*. Esta é a marcha dos fatores reais. Aquela a marcha dos fatores ideais.

Escreve Scheler:

"Im Geistig-Kulturellen also gibt es potentiell "Freiheit" und Autonomie des Geschehens nach Sosein, Sinn und Wert, aber stets in dem realen Ausdruck suspendierbar durch die Eingenkausalität des "Unterbaues";

Casa Império Ltda.

Moderna Organização Comercial
VENDAS A CRÉDITO
FUNDADA EM 1940

Rádios em Geral e Acessórios.
Refrigeradores, Cofres,
Artigos para Presentes, Louças
e Cristais. Pick-ups.
FOGÕES "IMPÉRIO"
Biciclétas, Baterias
de Alumínio, Discos-Continental
e Vitor.

Faquelros e Cafeteiras.
Instrumentos de Música.
Representações Nacionais e Estrangeiras

RUA DA IMPERATRIZ, 51

FONE - 3127

Recife — Pernambuco

"liberté modifiable" michte man es nennen (pg 9) op cit

No campo dos fatores "reais" dá-se a inversa:

"Im Felde der Realfaktoren gibt es umgekehrt nur jene "fatalité modifiable" von der A. Comte treffend und richtig gesprochen hat" (pg 9) op cit

Um grupo social diz Scheler implica a existência de um saber por vago que seja da sua existência e de certos valores que são comuns aos grupos. Não há grupamento social, não há classe sem consciência de classe — é a frase lapidar de Scheler:

"Keine Klasse also ohne Klassenbewutztsein" (pg. 48) op cit

O "saber" condicionado sociologicamente apresenta problemas de ordem Formal e Material. Os problemas de ordem formal são: a axiomática da Sociologia do Saber, a "concepção do mundo" em cada momento histórico. Os problemas materiais dizem respeito a Sociologia da Religião, da Metafísica, da Ciencia e da Ideologia.

Os problemas formais repousam sobre três possíveis relações entre o saber e a sociedade:

A) — o "saber" que todo homem é dotado de que é membro de uma sociedade, não é um conhecimento empírico e sim apriori; procede geneticamente o desenvolvimento de auto-consciência e de auto-valorização. Não existe "eu" sem um "nós" e o "nós" está geneticamente cheio de conteúdo social, antes do "eu":

"Kein "Ich" ohne ein "Wir" und das "Wir" ist genetisch stets fruher inhaltlich erfullt als das "Ich" (pg 48) op cit

B) — O segundo axioma é a distin-

ção entre "alma do grupo" e "espírito do grupo". A alma coletiva seria constituída por aquelas atividades psíquicas que não são realizadas espontaneamente. Espírito do grupo são os atos espontâneos, plenamente conscientes e dirigidos intencionalmente a um prefixado objetivo. O mito, o conto, em suma, o folclore constituem a "alma do grupo". O Estado, o Direito, a Filosofia, a Ciência, a Arte constitui o "espírito do grupo". A "alma do grupo" é por sua origem anônima e impessoal. O "espírito do grupo" é pessoal e está determinado em todos os casos por um pequeno número como quer Wiese ou uma elite como pretende Pareto. Estes são os fatores positivos de realização. A "alma coletiva" dirige-se de baixo para cima. O "espírito coletivo" de cima para baixo. A riqueza "espiritual" de uma cultura é de uma constante renovação e inovação: uma *ceratio continua*. A Sociologia do Saber estuda as leis que determinam o caminhar do saber de "cima para baixo" e portanto a sociologia do saber tem como objetivo primeiro o "espírito do grupo":

"Die Soziologie des Wissens hat es an erster Stelle mit dem Gruppengeist zu tun (pg. 52) op. cit.

C) — O terceiro princípio que é ao mesmo tempo uma tese da teoria do conhecimento afirma que há uma lei fixa que determina a origem do nosso saber em suas relações com as *esferas do ser*. Estas esferas são: a esfera do Absoluto, a dos contemporâneos, as esferas do mundo exterior e interior, a esfera do "vivo" e a do "morto". Estas esferas obedecem a certos princípios; assim, a esfera social dos contemporâneos e a esfera histórica dos antepassados precede todas as demais em realidade e conteúdo. E conclui Scheler:

"Erstens folgt dass der soziolo-

A hora certa

E D. SEGURADORA

Saguão de Entrada

AYRTON,

o melhor relojoeiro da cidade.

Consertos de relógios de todos os tipos e marcas, acompanhando-os um cartão de garantia.

gische Charakter alles Wissens, aller Denk, — Anschauungs —, Erkenntnisformen unbezweifelbar ist; dass zwar nicht der Inhalt alles Wissens und noch weniger seines Sachgultigkeit, wohl aber die Auswahl der Gegenstände des Wissens nach der herrschenden sozialen Interessenperspektive, dass ferner die "Formen" der geistigen Akte, in denen Wissen gewonnen wird, stets und notwendig soziologisch, d. h. durch die Struktur der Gesellschaft mitbedingt sind (pg. 55) op. cit.

x x x

Como dissemos atrás é a cosmovisão ou "imagem do mundo" o segundo problema de ordem formal da Sociologia do Saber.

Weltanschauung que traduzimos acima por "cosmovisão" ou "imagem do mundo" é originário da terminologia kantiana. O filósofo de Königsberg empregou-o pela primeira vez em sua KRITIK DER URTEILSKRAFT, 92 (ed. original, 2^a) no sentido de intuição ou visão do mundo sensível (Anschauung der Welt).

Mais tarde Hegel falava de uma Weltanschauung moral. E L. Ranke de uma Weltanschauung religiosa.

Scheler concebe uma Weltanschauung filosófica e sociológica.

Para ele a cosmovisão não é universal.

mente válida. É um produto individual. Uma visão pessoal de um certo e determinado momento histórico. "Todo o observador, participante ou pensador ligado existencialmente a uma época social determinada, que ensaia analisar os sentimentos e necessidades dos homens e grupos sociais de seu espaço-tempo histórico, está escrevendo inconscientemente a sua própria auto-biografia e a biografia de sua sociedade. O seu pensamento total é o reflexo de sua experiência cristalizada nos fatos que condicionam a sua concepção de mundo" (PINTO FERREIRA (4)). A "imagem do mundo" é portanto condicionada sócio e historicamente. Por isto deve a Sociologia do saber repudiar o conceito tradicional de uma "imagem do mundo" absolutamente válida. Contudo, deve e pode a Sociologia do Saber introduzir o conceito de "imagem do mundo *relativamente* natural". A tábua das categorias kantiana é verdadeira somente para o pensamento europeu, explica Scheler espelhando esta idéia que Spengler havia lançado no seu livro "Der Genius de Kriegen". A "ideologia da miséria" de Marx, assevera Scheler, em relação à luta de classes, restringe-se ao espaço europeu. E pelo mesmo princípio nega Scheler o caráter de perene filosofia tomista. Sobre essa diversidade de modos de pensar, sobre estas diversas e diferentes "imagens do mundo" levanta Scheler a sua tese que é a pedra angular da Sociologia da Cultura e da Sociologia do Saber: o *pluralismo dos grupos e das formas culturais*. Conclui Scheler situando a Weltanschauung do homem moderno como sendo a união entre o saber prático (Leistungswissen) com o conhecimento em formação (Bildungswissen) e finalmente a união de ambas as formas no saber metafísico de salvação.

Procurando escapar ao relativismo Scheler concebe "as idéias do mundo relativamente naturais" como produtos orgânicos que só perdem o seu significado dentro de um largo espaço de tempo. Oferecem uma "resistência" à especulação. Elas só se mo-

dificam quando há uma interpenetração de culturas. As "idéias do mundo relativamente naturais" pertencem à "alma coletiva" e não ao "espírito do grupo". Todavia, não são somente "as idéias do mundo relativamente naturais" um dos objetos da Sociologia do Saber. Esta ocupa-se também da ilusão social, de todos os erros condicionados sociologicamente.

x x x

Os problemas materiais da Sociologia do Saber é a Sociologia da Religião, da Metafísica e a teoria dos ídolos ou ideologia.

Esboçando a Sociologia da Religião e do Dogma, inicialmente, Scheler aponta a presença de uma religião autóctone da "gens", do grupo social que preexiste antes da religião dos profetas e "fundadores" de sistemas religiosos.

A religião do "fundador" sempre evolui paralelamente com o domínio político. A religião do "fundador" é viril e espiritual, isto é, de ordem política e sobrenatural. As fontes do saber religioso, explica Scheler, não é o animismo e o culto dos antepassados. Elas se encontram nos próprios "fundadores" ou nos chefes patriarcais. A idéia de Divindade emana das seguintes fontes: as *tradições*, os *homines religiosi* de cada povo, práticas rituais, idéias sobre Deus e salvação da alma. Tudo isto pode ser reduzido ao primeiro a tradição religiosa das famílias e tribus. Assinala a preponderância na cultura ocidental das religiões ditas de "revelações" enquanto na cultura oriental predomina a metafísica considerada como auto-salvação e auto-conhecimento. E julga ser a religião de "revelação" própria do Ocidente porque é um reflexo do caráter vital dos povos ocidentais de transformar ativamente a terra, ávido do estender o seu poder político e econômico. A função da religião seria, parafraseando Feuerbach, de calman-te sistemático das massas. Ao contrário,

os povos, a exemplo dos orientais, que meditam sobre o sentido metafísico da vida e procuram por sua própria atividade o que consideram "salvação", não podem dedicar a energia de seu espírito e de sua vontade unicamente às cousas terrenas como os povos europeus a quem estas questões aparecem como *definitivamente e absolutamente resolvidas*

x x x

A metafísica é segundo Scheler uma ousadia da razão pois os seus resultados continuam perduravelmente hipotéticos. A metafísica tem como inimigo o dogmatismo religioso em virtude dêsse característico de auto-salvação que nela é espontâneo. É a luta entre o *saber dirigido* e o *saber livre*.

Os indivíduos da classe média constituem em sua maior parte os "homines religiosi" enquanto os filósofos, regra geral, são recrutados entre as classes superiores. Exemplifica Scheler o seu ponto de vista, citando a religião cristã com apóstolos saídos das classes inferiores e a situação social dos filósofos gregos.

A filosofia da Idade Moderna foi antes

de tudo, obra da *burguezia evangélica*. A filosofia alemã tem nessa burguezia a sua origem. E essa burguezia evangélica é responsável, em parte, pela terminologia cerrada, pelo estilo e pela impermeabilidade da filosofia tedesca que é como que uma filosofia "nacional". Esboça, então Scheler as relações entre a metafísica e o nacionalismo e uma teoria das fases históricas dos diversos sistemas filosóficos. As fases são as seguintes: 1.^a) — a da filosofia escolástica usando a língua latina e portanto supranacional. 2.^a) — as filosofias das jovens nações européias, influenciadas pelos mitos nacionais; 3.^a) — a filosofia do século XIX e, finalmente, a filosofia verdadeiramente universal com Schopenhauer, Hartmann, Schelling etc.

x x x

Finalmente, passa Scheler a examinar as relações entre a *evolução do saber* e a *evolução política*. Repisa a sua tese de que a metafísica é própria às classes despreocupadas enquanto a técnica e a ciência positiva, é regra geral, privativa das classes baixas. Porque a ciência é universal, está submetida à "massa" dos fenômenos e, principalmente, porque a ciência é rebelde.

Continua Scheler que tanto o racionalismo das classes altas como o pragmatismo das classes baixas são *ideologias de interesses*, aquelas da burguezia, estas do proletariado. As classes determinam tanto o *ethos* como o modo de pensar. Podemos esboçar, no quadro abaixo as várias formas de nensamento e suas correspondentes sociológicas, conforme Scheler:

Casa Aguia de Ouro

Jóias e Relógios

Oficinas de Ourives e Relojoeiro

Rua Cambôa do Carmo, 51

A. BRITO MIGUEL

RECIFE

Classes altas

Classes baixas

Retrospectivismo dos valores na consciência do tempo

Prospectivismo
Ponto de vista da genese

Ponto de vista do ser

Interpretação teleológica do mundo

Idealismo
Espiritualismo

Saber apriori, racionalismo	Interpretação mecânica do mundo
Intelectualismo	Realismo
Perspectivismo pessimista do futuro e retrospecção otimista	Materialismo Indução, empirismo Pragmatismo
("aqueles bons tempos")	Visão otimista do futuro e retrospecção pessimista
Processo cognoscitivo de identidade	Dialética

Estas inclinações sub-concientes das classes, imaginar cada uma o seu mundo de maneira peculiar é o que Scheler chama "teoria dos ídolos sociológicos". Estes "ídolos", condicionados, sociologicamente, são erros. Entretanto os indivíduos pertencentes a certa classe não são obrigados a seguir causalmente a *ideologia*. Esta é *superável*, em princípio por qualquer um. Quanto mais conhecidos são os *ídolos* e *ideologias*, tanto mais fácil se torna colocá-los fora da circulação por todo o homem, seja qual for a sua classe. O valor prático e educativo da Sociologia do Saber consiste em mostrar a cada um onde se encontram as *ideologias*. Exemplo de uma ideologia das classes inferiores encontramos no marxismo. De uma ideologia das classes altas na filosofia de Spengler. No primeiro há um ódio ao passado que é substituído por uma atitude de êxtase frente ao futuro, a espera messiânica do "salto para a liberdade". Em Spengler, sentimos uma atitude reverencial pelo passado e uma angústia ante o futuro. São, portanto, dois filósofos típicos e distintos, cada um exprimindo, dentro dos seus sistemas filosóficos, as *ideologias* das classes sociais a que pertencem.

x x x

Como de início havíamos dito e aqui

repetimos, falta a obra de Scheler sistematização. Tumultuando seus pensamentos Scheler, na verdade, nada mais foi que um agitador de idéias. Acreditamos, todavia, que se a morte não o arrebatasse tão cedo, o seu senso crítico que era bastante agudo, encarregar-se-ia de aplinar os altos e baixos que surge em toda extensão de sua obra. A tentativa de Max Scheler de superar as atitudes unilaterais, de combater todo relativismo resultou, em nossa opinião, inóqua. Opondo-se a DILTHEY, MAX WEBER e KARL JASPERS que consideravam a metafísica como uma simples categoria histórica, isto é, válida para um certo e determinado momento histórico (Cfr, cap. V. DIE WISSENSFORMEN etc.) Scheler contradiz-se ao afirmar no subsequente capítulo que "a metafísica era "uma ousadia da razão" e que os seus resultados continuavam, perduravelmente, hipotéticos". Incorria Scheler no mesmo erro por ele atribuído a DILTHEY que apontava a historicidade da consciência do filósofo. (GESAMMELTE SCHRIFTEN, pgs. 380 e 405, V. Bd.) Ou concordava com KARL JASPERS que sustenta o caráter dinâmico da metafísica: a metafísica encontra sua solução na história da metafísica (METAPHYSIK, pg. 32). Afinaria, ainda, o seu pensamento com S. TOMAS a quem vês por outra faz severas restrições: unde mutabilitas veritatis consideranda est circa intellectum" (S. Theolg. quest. XVI, art. 8°).

A subordinação do *religioso* ao *político* é uma das interpretações de Scheler que se por um lado é exata em relação à Reforma, por outro lado peca no tocante aos fatos históricos contemporâneos que Scheler não presenciou mas que se encarregaram de derrubar a sua tese. Hodiernamente, não é o *político* que tutela o *religioso*. Assistimos com o advento dos estados totalitários o misticismo religioso se metamorfosear em misticismo político, como no nazismo, no fascismo e na anti-religiosa U. R. S. S. com as peregrinações

ao túmulo de Lenine, canonizado como "santo" político. Há, conforme sentenciava alhures Tristão de Ataíde, excessos de religiões. Inflação de religiões sem Deus, ateístas. Religiões políticas. Bertrand Russel, no seu livro de análise política "POWER, A NEW SOCIAL ANALYSIS" escrevia que o Estado Moderno é o desaguiçador de todas as forças místicas. A observação de Russel corrobora o nosso julgamento contra Scheler: de que estamos vivendo uma situação inversa à situação do mundo no momento da Reforma luterana.

Um dos pontos em que Scheler foi genial é na apreciação e valorização dos nossos atos. Os três instintos básicos — de nutrição, reprodução e poder — podem em última instância ser reduzidos, ao instinto do poder. (Cfr. EL PUESTO DEL HOMBRE EN EL COSMOS cap. I). O conceito de poder é fundamental na Sociologia. "the fundamental concept in social science is Power." escreve Russel. Scheler, não obstante, restringiu-se a assinalar êsses três impulsos, sem contudo desenvolver a teoria da origem desses impulsos, como êle próprio confessou. Definia o impulso como sendo aqueles sistemas de impulsos dos quais procedem todos os demais impulsos especiais, em parte por meio de processos de diferenciação vital e psíquica, em parte pela reunião dos impulsos com uma elaboração espiritual. Como se alcança, ao primeiro golpe de vista, a definição é nebulosa. Primeiro, porque define o objeto pelo objeto. Depois porque parece fazer uma distinção não muito exata entre "processos de diferenciação vital e psíquica" e "processos de elaboração espiritual", mesmo se levando em conta o conceito scheleriano de "espírito". O princípio que diferencia os homens dos animais, segundo a lição que Scheler julga ensinar, é o espírito e o ser espiritual tem independência, liberdade ou autonomia essencial frente aos laços e à pressão do "orgânico", de tudo o que pertence à vida (Cfr. EL PUESTO etc. pg. 64). Tal

conceito de espírito como algo livre, espontâneo, desligado do vital, choca-se com o seu conceito de ato humano que é, segundo o próprio Scheler, espiritual e instintivo (geistig und triebhaft), a um tempo. Distinguindo com KANT "espírito" e "psiqué", considerando o "espírito atualidade pura" (Cfr. El Puesto etc. pg. 76) encarrega-se Scheler de por em terra todo o arcabouço da sua Sociologia do Saber. Ora, se o espírito é atualidade pura e como tal não influe na cultura, consoante suas próprias palavras, como então, considerar o "espírito coletivo" objeto da Sociologia do Saber? Se o Estado, o Direito são produtos do "espírito coletivo", se Scheler escreve que não é possível compreender a existência do Estado sem recorrer ao impulso de poder (Cfr. WISSENSFORMEN etc. pg. 3), como aceitar que o espírito seja *liberdade e auto-determinação*, desligado do orgânico? Como supor esse espírito, dotado de auto domínio, se êle o chamou "liberté modifiable?"

Gruda-se Scheler, ao tratar da Sociologia da Religião, às teorias de Weber E. Troeltsch e R. H. Tawney de que o "bouleversement" religioso da Reforma gerou o capitalismo, em virtude do espírito de ascetismo e renúncia do movimento luterano. Falsa é a tese de Weber, Tawney e Troeltsch. Desde a Idade-Média que os teólogos anatimizam as riquezas. Desde a Idade-Média que o espírito-ascético filtra-se através dos seus pensadores. A economia deve satisfazer fins puramente individuais, gritava o Aquinatense: "Divitiae comparantur ad economicam non sicut finis ultimus, sed sicut instrumenta quaedam, ut dicitur in I Pol. Finis autem ultimus oeconomice est totum bone vivere secundum domesticam conversationem" (S. Theol. IIa IIae p. 50, art. 3). Contudo, a Idade-Média com todo êsse desprêso pelo mundo, baseado no axioma "necesse est quod bonum hominis circa ea (bona exteriora) consistat in quaedam mensura" foi uma cultura com uma infra-estrutura material de economia de consumo. Toman-

do "au pied de la lettre" a tese de Scheler Weber, Tawney e Troeltsch o medievo deveria ter sido a época mais capitalista da história. O capitalismo como acentuou o seu maior crítico WRNER SOMBART é fundamentalmente livre (grundsätzlich frei). Produziu-se com o individualismo.

Poderíamos alinhar outros argumentos, de ordem geral e particular, contra as idéias de Scheler. Entretanto, o limite que nos foi imposto obriga-nos à abstinência. Todavia, um ponto precisa ficar esclarecido: alguns filósofos, principalmente soviéticos e entre eles SCHIEGOV acusam Scheler de fascista.

A retificação da doutrina marxista, feitas por Scheler, no que diz respeito ao primado das relações econômicas, atraíram contra si os ataques dos ortodoxos. Observe-se, porém que Scheler não escapou da influência de Marx. Muito ao contrário, reafirmou-o. O que pretende Scheler é superar um dualismo fundamental com uma visão monística do mundo. Dualismo representado pelo conhecimento do mundo material (Leistungswissens) e o conhecimento originário da cultura (Bildungs-

wissens), unindo-se ambos no saber de salvação (Heilswissens), isto é, pensar e intuir o *ens per se*. Visão monista que êle não conseguiu atingir. E tão conciente estava Scheler das incertezas de sua filosofia que certa vês, recitou como lema de uma de suas aulas, os versos de Martinus de Biberach:

Ich leb'und weiss nit, wie lang;
ich sterb'und weiss nit, wann;
ich fahr'und weiss nit, wohin;
mich wundert, dass ich so frolich bin

(Eu vivo porém não sei até quando;
Eu morro mas não sei o dia; Eu viajo porém não sei qual o meu destino; e me admiro de que esteja tão contente).

DIE WISSENSFORMEN UND DIE
GESELISCHAFT — Leipzig - Der Neue
-Geist Verlag.

DA SOBERANIA — Pinto Ferreira —
Tip-Jornal do Comercio.

El Puesto del Hombre en el Cosmos —
Ed. Losada.

JOIAS, RELOGIOS E ARTIGOS PARA PRESENTES KRAUSE & CIA.

Rua 1.º de Março, 34 — TELEFONE 6420 — R E C I F E
JOIAS, RELOGIOS E ARTIGOS PARA PRESENTES

Direito Processual do Trabalho, etc.

(Conclusão)

- (5) — LUIGI DE LITALA — Diritto Processuale del Lavoro — pag. 18.
- (6) — A. TRUEBA URBINA — Op. cit. — pag. 18.
- (7) — A. PALACIOS — La Regulación Colectiva del Contrato de Trabajo — pg. 77.
- (8) — MOSSA — II Diritto del Lavoro.

- (9) — URBINA — Op. cit.
- (10) — Idem.
- (11) — CHIOVENDA — Instituições
- (12) — AFONSO MADRID — Derecho Laboral Español.
- (13) — MARIO DE LA CUEVA — Derecho Mexicano del Trabajo.
- (14) — GALLAR FOLCH — Op. cit.
- (15) — LUIGI DE LITALA — Op. cit.
- (16) — URBINA — —Op. cit.

ALUTA

Edson REGIS

*Sôbre as ondas, contra os anjos, Laura agora está lutando
Os seus olhos, os seus gestos, os limites do seu corpo,
Os cabelos agitados pelos ventos quiromantes,
Anunciam tempestades e o massacre dêste mundo*

*Apenas dois clarinetes
Executam melodias,
Penetram os meus ouvidos
Enquanto o vento da noite
Que invade os olhos de Laura
Não traz quem virá decerto*

*Laura dança sobre as ondas, joga pedras no infinito,
Ri dos anjos e dos mapas, foi amiga e confidente
Do primeiro assassinado, dansarina de Cartago,
Tripulou barcos antigos, qualquer noite vai à lua*

*Eu vim do corpo de Laura,
De Laura nascem programas.
As amadas que soluçam
Só se contentam com Laura.
Laura agora está lutando
Por uma face mais bela.*

Introdução ao Estudo do Pensamento Sociológico de Max Weber

SILVIO DE MACEDO

I. — Ambiência geral das tendências sociológicas.

- a) — O naturalismo sociológico;
- b) — O formalismo crítico e empírico;
- c) — O Fenomenologismo;
- d) — O historicismo;
- e) — A conciliação entre o naturalismo e o culturalismo sociológicos.

A extrema complexidade do fato social tem sido a causa do estado de polemicidade que se formou a dentro, no âmbito dos estudos sociológicos, com a pluralização das diversas correntes de pensamento. É uma floração magnífica a atestar simplesmente a fecundidade da inteligência humana, com a sua larga possibilidade de oferecer soluções diversas aos problemas intrincados que se apresentam em toda a sua turgência no campo social.

Os estudos sociológicos modernos atingem um alto "climax" com o naturalismo, que adquire feição filosófica no positivismo, desde a síntese comteana até o cientismo de René Worms e de Bouglé, e o praticismo de Durkheim.

O naturalismo manifesta-se na sua tendência para o enciclopedismo, reduzindo tudo ao plano "natureza", ao espacial, ao quantificável. O cultural é concebido em termos puramente naturalísticos, na dimensão triplíce euclidiana, fugindo-se a todo transcendentalismo.

O naturalismo sociológico, pois, desconhece uma táboa de valores sobre o que deve fundamentar as suas classificações e justificar a sua necessidade deontológica.

O formalismo, por sua vez, com preocupações de uma fundamentação rigorosa, constrói uma sociologia puramente teórica, a qual desemboca na filosofia da vida, cujos princípios contradizem aquele mesmo formalismo, uma vez que o formalismo aí é absorvido no irracionalismo.

O fenomenologismo se fundamenta numa também rigorosa base construtiva, sendo **fundamentado** o resultado das descrições forne-

cidas pelas ontologias regionais, principalmente daquela ontologia que se ocupa da região "sociedade". Suas análises favorecem antes a compreensão do social sob uma forte cobertura filosófica.

O historicismo reage contra o empirismo e contra o formalismo. Cál no universalismo absoluto de um Spann. Surge-lhe sempre um estado de coação entre o histórico, que é individual, e o social, que é universal.

O naturalismo sociológico. — Sua superação

O naturalismo sociológico, através das suas várias nuances, cientismo de Worms e de Bouglé, psicologismo de Tarde, reduativismo estatístico de Le Play e sociologismo de Durkheim, não pode satisfazer as suas exigências de objetividade e universalidade no sentido exigido pela ciência, buscando-as numa metafísica social implícita no espírito filosófico do positivismo. Realiza, pois, um salto. Parte da "Physis", para chegar ao "Ethos", por um caminho que a ele não chega, realizando, assim, o salto do físico para o metafísico. Esse salto comteano é semelhante àquele outro dado por Kant, no campo propriamente filosófico.

O fato social é mais complexo do que se supõe segundo o espírito do naturalismo, que apenas lhe atinge a crôsta, e só é compreensível à luz mesma da sua própria superação, pelo caminho a que se vá chegar pela consideração de uma nova causalidade, diferente da causalidade física, impondo-se, portanto, a crítica da razão histórica, desde que a crítica da razão teórica e a crítica da razão prática estão feitas.

Para se chegar à perfeita compreensão do fato social temos necessidade de uma superação do naturalismo sociológico.

O formalismo crítico e empírico. — Sua superação

A sociologia formal pura se apresenta com um caráter essencialmente básico e constru-

tivo. Busca, segundo Toennies, as "essências que não são perceptíveis, mas apenas pensadas como algo existente só na consciência das pessoas humanas, as quais operam e se movem em tais essências" (*Einfuebrung in der Sociologie*, Stuttgart, 1931, p. 315).

Mas Toennies terminou confundindo a tarefa da sociologia com a da Filosofia Social, com essa preocupação de fugir completamente ao campo da percepção, mergulhando na "stream" das idéias puras. Simmel, por sua vez, afirma que só a sociologia formal é verdadeira, reduzindo-se a sociologia enciclopédica ao conjunto das ciências sociais, constituindo um grupo indiferenciado, estando a primeira para a segunda na mesma relação em que a geometria está para as ciências físico-químicas.

Uma das conclusões mais vigorosas que decorrem do pensamento simmellano é justamente aquela que considera extremada a oposição entre o "a-priori" e o "a-posteriori" kantianos, uma vez que êle descobre, entre os dois termos, entre as duas relações, no domínio do conhecimento histórico, uma série de "a-priori" relativos, os quais se manifestam como o resultado da potência plástica do espírito, sendo os costumes psicológicos que se transformam, depois, em antecipações, formas e princípios sociais. Simmel procura superar a atitude estática de Kant, recorrendo ao "devenir".

Leopold von Wiese — "Soziologie, Geschichte und Hauptprobleme" — desenvolve uma teoria social sob a luz do formalismo empírico, pretendendo não fugir do campo da ciência, e, com a sua preocupação de "quantificação conceitual", chegando ao realismo social, a certo pragmatismo crítico, estruturiza os 4 conceitos fundamentais da sociologia, os quais são: processo social, espaço social, que se insere no espaço físico mas não se confunde com êle, distância social, também diferente da distância física, e, finalmente, formação social, que são as cristalizações das relações.

Partindo daí, do conceito de "quantificação social", é de se prever a sua pouca validade no domínio das qualidades puras. Os valores não poderão ser captados por um processo de quantificação. São algo que escapa a essa determinação. Os julgamentos de valores estão noutra ordem que a da causalidade.

Von Wiese, em desacordo com os demais formalistas, afirma que a sociologia formal pura é também empírica, uma vez que "necessita posar as suas raízes formais na teoria do conhecimento", distinguindo-se da sociologia naturalista, positivista, enciclopédica,

sob razões de ordem puramente quantitativa, e não qualitativa. "O social é uma categoria da vida, e não da consciência". O autor realiza, na obra citada, principalmente no capítulo que se intitula — "Die Lehre von den sozialen Beziehungen und den sozialen Gebilden (Beziehungslehre) — uma análise do relacionismo que êle defende, de profundo proveito para os estudos sociais na atualidade. Mas, para se compreender o fato social em sua especificidade é mistér, ao nosso ver, ultrapassar esse relacionismo, pela busca de uma nova causalidade sobre que fundamentar se deve o edifício sociológico. Nesse particular a tendência fenomenológica se nos afigura como sendo uma melhor base para se chegar a essa compreensão, preparando o terreno, justamente com a filosofia da vida, para Weber, como veremos.

O Fenomenologismo e suas conclusões. — Sua superação

Durkheim pretendeu fundar a objetividade dos fatos sociais. Mas em que basear essa objetividade, senão na clara determinação dos valores. Ora, essa determinação só foi alcançada pela filosofia culturalista, pelo fenomenologismo. Scheler critica então a sociologia positivista pelo fato de ser puramente "fáctica", pelo fato de aderir às coisas, confundendo o homem na "devenir" do mundo, sem ver as essências, o reino do espírito.

O fenomenologismo supera, em muitos sentidos, tanto o sociologismo, como o formalismo, que se reduziu a um criticismo e perdeu o sentido objetivo em sua integratividade por culpa da ausência de uma axiologia dos valores.

Torna-se possível assim, com a nova interpretação sociológica, diante de uma ciência dos fatos, uma ciência a priori das ciências, uma ciência eidética localizada num plano além do natural, à qual se chega por intermédio da instituição. É o que se torna claro desde Husserl e Rickert.

A sociologia, de acordo com a nova tendência, teria um valor puramente gnoseológico e não deontológico. Fugindo às generalidades, às abstrações, ela se tornaria descritiva, concreta. E Husserl faz uma nova ontologia, não mais uma ontologia formal, para compreender o social, mas sim uma sociologia regional, e uma fenomenologia geral.

Scheler, com o fenomenologismo, prepara admiravelmente o terreno para uma mais perfeita compreensão do social, sustentando o princípio da "liberdade modificável" com

relação aos fatores ideais e o da "fatalidade modificável" para os fatores reais.

O historicismo. Sua superação

Hans Freyer, Alfredo Weber e Oppenheimer são os três maiores vultos do historicismo. Fazendo oposição ao universalismo de um Spann, de fortes tendências hegelianas, o historicismo parte do "indivíduo histórico" e não das "relações universais" polemizando, daí, por seu concretismo, o intenso abstrativismo das outras doutrinas.

Não analizaremos, aqui, o marxismo e outras tendências, que pregam o primado ou a prioridade do fato econômico sobre o social, uma vez que queremos ficar rigorosamente no campo sociológico, e não pretendemos descer ao campo das análises de uma ontologia regional do econômico.

O relativismo, que constitui a substância do historicismo, se opõe ao absolutismo. Alfred Weber considera as idéias sem aquela importância que Hegel lhes concedeu, opondo-se, entretanto, a Marx, que lhes nega qualquer importância. É uma posição de equilíbrio que o sociólogo assume, longe dos dois extremos.

Resumindo podemos dizer que o historicismo muito concorreu com materiais para o enriquecimento da sociologia a qual lucraria em ter um sistema no qual conciliasse o indivíduo histórico com os princípios gerais que regem as relações sociais. Mas essa tendência, em verdade, do historicismo, isto é, a de partir da concretude do indivíduo histórico terminou numa redução da sociologia à filosofia da história. A Sociologia, então, precisa de superar o historicismo, aproveitando dele, entretanto, o rico material das suas análises e síntese, e, justamente, com os elementos colhidos das outras sociologias superadas, deve estruturar-se em ciência autônoma, com a clara especificação do seu objeto, considerando a especificidade do fato social, sua originalidade.

A conciliação entre o naturalismo e o culturalismo sociológicos

A evolução dos estudos filosóficos no sentido do integrativismo, a síntese do vitalismo, as concepções estruturalistas, a intuição bergsoniana, tudo isso determina uma conciliação entre o naturalismo e o culturalismo, como se compreende na sociologia de Max Weber.

Se o naturalismo determinava a subordinação de todas as relações sociais ao plano natureza, reduzindo ou desconhecendo a especificidade do mundo qualitativo, onde se mo-

ve a constelação dos valores, e erigindo ao sumo o quantitativo, o culturalismo, que reconheceu essa última característica ao fato social em toda a sua complexidade, erigindo uma nova metodologia, incidiu nas fundações que são mais de ordem filosófica. A verdade social está numa clara determinação a que se não chega simplesmente por reduções ou simplificações. Daí se visualiza o caminho para uma saída das dificuldades, que é o da conciliação do quantitativo com o qualitativo, reconhecendo a especificidade de ambos os campos.

A revolução bergsoniana foi grandemente fecunda, pela renovação que veio trazer não só no campo teórico, mas ainda no campo pragmático, tornando possível a superação dessas situações. Dilthey e Spranger, por sua vez, sem falar em Hans Driesch, partindo do vitalismo, concorreram grandemente para facilitar essa superação, e eis que a sociologia de Max Weber, conhecedora das dificuldades existentes nos estudos sociológicos e, de certo, influenciada pelos, resultados das novas concretizações adentro do campo biológico e filosófico, então surge, conciliando e explicando as divergências.

II. — A posição sociológica de Max Weber

A posição sociológica de Max Weber é uma posição de equilíbrio entre as várias correntes, conciliando, pelo caminho de uma superação natural, o naturalismo com o culturalismo, absorvendo os elementos valiosos das análises historicistas e reduzindo o absolutismo à sua esfera de relatividade. O pensamento sociológico de Weber recebeu fortes influências de Dilthey, mostrando acentuada correspondência com a aplicação do pensamento bergsoniano à esfera social. É bem verdade que Bergson ressuscita o absoluto na filosofia, para fazer apolar aí uma ciência da realidade, justificando assim a existência da metafísica, como uma evidência que se apresenta em toda a sua concretude ao espírito. E isso, aparentemente, contrastaria com a tese do relativismo webiano. Mas, em verdade, se trata de uma visão superficial das coisas. No domínio do social o relativismo pode ser justificado. O absoluto se refere à uma apreensão direta do real, tarefa da filosofia. Na tarefa sociológica não se chega a essa apreensão do "a-priori", porque a realidade social já se nos apresenta como um fato "a-posteriori".

O vitalismo é rigorosamente justificado pela intuição bergsoniana. E desde Rickert, Dilthey, sem se falar nas teorias estéticas e

(Continua na pág. 26)

ECONOMIA PLANIFICADA

ARNÓBIO GRAÇA

INTERVENCIONISMO ESTATAL

A interferência do Estado, no domínio econômico, não representa um *fato novo* na história dos povos. O poder público sempre experimentou a necessidade de supervisionar as relações humanas para o bem de castas, classes, grupos ou da sociedade. Nos tempos antigos, encontramo-la demasiado rigorosa, destruindo prerrogativas individuais, assegurando privilégios injustos, escravizando o trabalho e colonizando terras.

Salienta L. Cioli que, na Grécia, o intervencionismo do Estado na agricultura, na indústria e no comércio, foi permanente. Em Roma, a centralização política tornou fácil o caminho para o estatismo econômico em cooperação com os plutocratas e os senhores de imensos domínios agrários contra os quais Sêneca, o antigo, reproduzira a angustiosa queixa de um agricultor: "Vós, ó ricos, possuíis tôdas as terras e ocupais as cidades e arredores com vossos suntuosos palácios. Para que as vossas vilas tenham no inverno o calor do verão e, no verão o frescor do inverno, as vossas casas se estendem em todos os sentidos, e não sofrem as intempéries das estações, ao passo que os agricultores são obrigados a viver em regiões outrora habitadas por um povo inteiro, e o poder de vossos administradores se torna maior do que o dos reis".

Na idade-média, houve tendência da vida coletiva para os sistemas fechados de organização econômica e o Estado hipertrofiou-se. Mas a liberdade espiri-

tual, o princípio da universalidade, o personalismo e a igualdade moral da filosofia cristã contrabalançaram o vigor do poder estatal e a força da família, herança do mundo antigo. O *homem* e o *ofício* livres foram ganhando "importância nunca jamais alcançada". O comércio, o empréstimo e o trabalho superaram as condenações do direito canônico e as regras da brutalidade e da sujeição.

Nas eras moderna e contemporânea, o intervencionismo do Estado foi se modificando, substancialmente, quase morrendo, graças ao individualismo, ao fisiocratismo e ao pensamento ortodoxo, expresso por Adam Smith na organização espontânea do mundo econômico.

A intervenção do Estado no processo das riquezas é: *direta* e *indireta*.

Direta, quando se baseia na *planificação*, no monopólio e na livre-concorrência.

Indireta, se regulamenta os atos econômicos, faz concessão de serviços a pessoas ou empresas, assiste aos necessitados e estimula as atividades particulares com prêmios, subvenções, direitos de alfândega, garantias de juros, concursos, etc.

PLANIFICAÇÃO ECONÔMICA NA RÚSSIA

De tôdas as grandes nações da atualidade, que adotaram a planificação econômica, a Rússia soviética é a que mais nos prende a atenção, quer pela vitória

do seu novo regime sobre o passado, quer pelas reais transformações que sofreu desde a revolução bolchevista de novembro de 1917. Pondo à margem as controvérsias políticas do sistema leninista e stalinista, acreditamos, embora sem o fervor religioso dos seus prosélitos, que o triunfo do socialismo coletivista na Rússia abalou os alicerces do capitalismo internacional.

A evolução da U. R. S. S. para a economia planificada não se realizou sem terríveis conflitos e sacrifícios coletivos. Ocorreu em fases bem definidas:

1.^a—Comunismo de guerra de 1917 a 1920;

2.^a—Nova política econômica ou *Nep* de 1921 a 1928;

3.^a—Primeiro plano quinquenal de 1928 a 1933;

4.^a—Segundo, terceiro e quarto planos quinquenais a partir de 1933.

Na Rússia, o *plano* é um programa elaborado por uma comissão de técnicos, denominada *Gosplan*, que fixa as atividades econômicas da nação durante o período de cinco anos. Trata-se, pois, de um trabalho difícil sobre o qual Hewlet Johnson escreveu: "As complicações de tal sistema são evidentes. Milhares de pedidos exigem um cálculo correto. É fácil compreender-se o cuidado com que devem ser feitos os cálculos e previsões e como seriam desastrosos quaisquer equívocos ou avaliações erradas. O *Gosplan*, por fim, submete o plano provisório, através dos canais competentes, a todas as empresas e organizações interessadas dos quais foram obtidos os dados necessários... Os planos quinquenais sucessivos são esperados aqui com uma ansiedade incrível. Nunca financista algum aguardou a aprovação dos orçamentos do Estado com a metade do interesse do homem comum da União Soviética pela publicação do plano quinquenal".

Pitirim Sorokin afirmou que o ve-

lho regime, especialmente o de Kerenski, deixou *planos* para a industrialização da Rússia e que o governo soviético "tirou os moldes de seus planos quinquenais" de seus antecessores.

Entretanto, não vacilamos em considerar Lenine, o fundador do *dirigismo integral* na U. R. S. S. por meio da sua nova política econômica, instituída no ano de 1921. Ao demais, foi esse extravagante reformador de Marx e Engels quem criou a Comissão Planificadora do Estado, aboliu a grande propriedade, socializou o crédito, organizou o monopólio público do comércio externo enfim, implantou, violentamente, o *leninismo*. Foi a vitória de uma concepção materialista do mundo em um país europeu que era, então, a miniatura dos sofrimentos humanos. Expandiu-se o *leninismo* como se qualquer coisa de misterioso existisse no seu poder de sedução.

A planificação econômica, na Rússia soviética, supõe entre outros elementos, os seguintes:

a)—propriedade pública e cooperativa;

b)—fazendas coletivas e estatais;

c)—cooperativismo de produção e de consumo;

d)—estatização do crédito e dos bancos;

e)—monopólio público do comércio exterior;

f)—criação de trustes e combinados;

g)—lojas industriais e comerciais do governo.

Tudo isso que caracteriza o comunismo russo não tem similar em nenhuma nação do mundo, nem mesmo naquelas que, como o México, os Estados Unidos e o Brasil, se submeteram à economia planificada.

Todavia, urge observarmos sem paixão que o regime soviético parou em meio do caminho, segundo as suas verdadeiras fontes. Pois o comunismo, fi-

nalizando a revolução coletivista, destrói o Estado e socializa todo o processo das riquezas: produção, repartição, circulação e consumo. Pretende a igualdade dos homens afim de que, no seu universo material, não haja problemas, crises e prantos abafados. Quer o desaparecimento da pobreza e da miséria sob a influência deste princípio leninista: "De cada um, segundo sua capacidade e para cada um, segundo suas necessidades".

PLANIFICAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

Em 1934, surgiu, nos Estados Unidos da América do Norte, o *New Deal*. Foi uma interessante experiência de planificação econômica em um país onde a democracia tem profundas raízes naturais e históricas. O *New Deal* sem cortar estas raízes e sem diminuir o prestígio das liberdades humanas na vitoriosa pátria de Roosevelt, estabeleceu a intervenção do Estado, a limitação das culturas, a valorização das mercadorias que se encontravam em super-produção, bem como equilibrou a agricultura e as indústrias, restringiu os efeitos do chômage e regulou as horas de trabalho.

Quando, em virtude da política do *New Deal*, estava sofrendo duras críticas pelas forças da reação, Franklin Roosevelt respondeu, certa vez, aos ata-

ques com estas judiciosas palavras: "Acredito que o nosso sistema industrial e econômico é feito para o benefício do indivíduo, homens e mulheres, e não que os indivíduos vivam para o benefício do sistema. Acredito que o indivíduo deve ter completa liberdade de ação para elevar-se o mais possível; mas não creio que em nome desta palavra sagrada se permita a uns poucos interesses poderosos fazer das vidas da metade da população dos Estados Unidos carne de canhão para as indústrias. Acredito que a propriedade privada é sagrada, o que quer dizer que não acredito que ela deva ser submetida à impiedosa manipulação dos jogadores profissionais nos mercados de títulos e no sistema corporativo... Creio que o governo sem se tornar uma burocracia absorvente, pode agir como um freio ou contrapêso para esta oligarquia, de forma a assegurar a possibilidade aos homens e mulheres de trabalharem e de terem em garantia as suas reservas econômicas".

Circunstâncias imperiosas, contudo, levaram o governo norteamericano a abandonar o *New Deal*, a despeito dos seus bons resultados e da admirável inspiração política de Franklin Roosevelt. Foi inevitável o que aconteceu com a planificação nos Estados Unidos, porquanto, formada à sombra dos postulados da filosofia individualista e do capitalismo, a jovem nação americana não podia afastar-se, por muito tempo, das linhas mestras da sua realidade histórica. Ao contrário da Rússia, que não cedeu à resistência do passado, que esmagou tudo que obstava a sua marcha para o estatismo econômico, o governo dos Estados Unidos, após solucionar os principais problemas que o asfixiavam, reingressou, sem revoluções armadas, no sistema liberal da sua economia.

Foi um brilhante exemplo de coerência do povo norteamericano consigo mesmo.

MIÚDESAS — PERFUMARIAS —
BIJOUTERIAS E ARTIGOS PARA
PRESENTES

Abraão Mussa Asfora

Encarrega-se também de
COBERTURA DE BOTÕES

★
RUA DIREITA, 189

ESTRADA DE DAMASCO

LUIZ DE LUNA ALMEIDA

*Veio a imensa desolação, a angústia viva
vivendo na noite perdida*

*Eu senti sede,
eu senti fome,
eu senti frio e
eu fui o estranho mendigo da fonte envenenada*

*Na longa noite agônica
as volutas da candeia desenhavam
a minha inquietude*

*Eu bailei a dansa da morte,
eu cantei, numa vertigem pagã, a balada do pecado
e eu também ouvi, na mudez interior,
profundas ressonâncias
da estrada luminosa*

Introdução ao Estudo, etc.

(Conclusão)

físicas novas, que se caminha para o reconhecimento do valor da "intuição intelectual" a dentro do âmbito filosófico, com toda a sua pureza científica, forma de conhecimento aquela negada por Kant, e hoje plenamente justificada e reconhecida com a filosofia de Bergson, de Dilthey, Spranger, Maritain, etc. Max Weber reconhece que a relação estatística, por mais probante que seja não satisfaz rigorosamente a exigência da ciência no seu sentido mais vasto e preciso, porque nós temos necessidade de compreender e não somente de explicar e mostrar relações. Compreender é portanto o objetivo da sociologia weberiana. É preciso compreender o liame existente entre os motivos e o ato deles resultante, a-fim-de elucidar a conduta do ho-

mem, e, ao mesmo tempo, até mesmo a própria relação estatística. É também o mesmo ponto do filósofo Jaspers, reconhecendo além das relações de causalidade as chamadas relações compreensivas.

Weber, aproveitando-se do método compreensivo de Dilthey, compreende que esse método deveria ser integrado por meio de uma explicação causal, e descobre a "causalidade sociológica" fundada sobre o critério da adequação e da probabilidade. Feito isso, podemos construir uma sociologia, que é a Sociologia, pois as demais estão naturalmente superadas, ficando os seus elementos absorvidos e vivificados na nova concepção científica.

Weber, afirma, então, que a substância da história e da vida é a liberdade. A sociologia weberiana é então uma sociologia da liberdade.

NOTAS SOBRE O PINTOR LULA CARDOSO AYRES

Orávio de Freitas Junior

A primeira coisa que se constata deante de uma exposição de quadros como esta, de Lula Cardoso Ayres, promovida pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito de Recife, é que estamos deante de um pintor em constante mutação, em mobilidade expressional e conceitual de sua arte. E isto é bom, pois é sinal de vida. Somente os pintores mortos, como os acadêmicos, estão tranquilos e fixados em suas pinturas. O verdadeiro artista é inquieto e a cada momento se supera em suas realizações. Nem é fóra de propósito a citação de Tolstói, quando disse, um dia: "é um mal quando um homem está tranquilo e satisfeito consigo mesmo". E isto é agudamente verdadeiro para os artistas.

De 61 quadros expostos, mais de 6 fases distintas podem ser encontradas, onde apenas se identifica a unidade realizadora, por um estilo forte que sabe marcar sua personalidade em todos os seus períodos ou aspectos.

Períodos ou aspectos que poderiam se enquadrar na classificação histórica proposta por R. Schoolman e Ch. Slatkin ("The History of American Art" — New York 1941), e assim se dividirem em 3 categorias: representativa ou realística, não representativa ou simbólica, e dirigida. Embora sendo dada à terceira categoria uma conceituação algo distinta da que parecem querer significar os citados autores.

Arte realística ou representativa, temos em telas como aquelas em que o pintor procura fixar os tipos dos cavalos marinhos e bumbas-meu-boi de nosso folclore (Mateus, Boi, Bastião, Retrato de José Manuel e Retrato de Ezilda Veloso) e certos momentos típicos da vida popular (Pastoril, Maracatú, Mulheres de Engenho, etc.).

Desta fase, eminentemente representativa, realística, vemos evoluir o pintor para uma pintura que hora se nos apresenta dirigida, hora simbólica, como é o caso da fase do boneco de barro (embora como transição) se resolvendo finalmente no seu aspecto realmente mais revolucionário, ao mesmo tempo que mais definitivamente realizado, o ciclo que o

sr. Sérgio Milliet procurou definir como supra-realista.

Chega aqui a hora de definirmos o que consideramos a fase "dirigida" na pintura de Lula Cardoso Ayres. E chegando esta hora constatamos a complexidade enorme do problema.

No conceito de Schoolman e Slatkin, a arte dirigida corresponderia aos períodos de ditadura, isto é, nos quais a arte perde suas finalidades estéticas, para se impregnar de políticas, e em lugar de se destinar a encantar — ou a comover — passa a convencer. Ora, não nos parece que tal desvio da arte corresponda forçosamente a condições políticas e muito menos condições políticas definidas num sentido, como é o caso das ditaduras, com tão completa abstração da pessoa do artista. Pelo contrário, o caso da arte dirigida das ditaduras, se enquadra num caso mais geral, que é o da arte que visa convencer, isto é, a arte do artista que valorisa, acima da Beleza, a Verdade, ou verdades particulares. Atitude que parece ser, sinão anti-artística, pelos menos anartística, pois o artista, não ensina, o artista aprende. Aprende e apreende o real, para transformá-lo, isto é, super-formá-lo.

Desde que chegamos aí, torna-se também necessário distinguir arte simbólica de arte dirigida, e a Schoolman e Slatkin muito obrigado pelo esquema, e passem bem, pois o resto vai por minha conta, risco e responsabilidade.

Símbolo é a representação de um conjunto inexpressível. Visa intuir, não traduzir. Arte dirigida é tradutora. E não se desmente a tradição: traduttore, tradittore.

Ora, acontece que no meio das muitas e ricas experiências de Lula Cardoso Ayres há lugar, segundo parece, para distinguir aspectos realmente simbólicos (como procuraremos salientar) e outros limitadamente dirigidos. Neste momento, alguém que esteja acompanhando o pensamento, e conheça as telas, adivinhará logo: Casa Grande e Senzala. Pois é. Casa Grande e Senzala nos parece um quadro tipicamente dirigido, elvado dum didatismo esquemático que, talvez atin-

ja o pitoresco, mas não se torna simbólico. Assim, Casa Grande e Senzala se torna ilustrativo, e será eminentemente rico de sugestões sociológicas, antropoculturais, etnológicas, mas desprovido de valor estético, pictórico, ou simplesmente lírico. Não por expressar um realismo, ou um hiper-realismo, social, histórico-cultural, etc., mas exatamente pelo intencionalismo anedótico e confabulatório que encerra. Pelo eruditismo que o torna particularisante, quando os valores artísticos são universalisantes. Pois, outros quadros seus, como Pastoril, ou Saindo da Missa, ou quadros de Cícero Dias, também expressam este hiper-realismo, mas sem didatismo eruditista e sem esquematismo condensatório. Tão condensatório, tão "alegórico", que o desequilibra apesar de elementos tão fortes pictoricamente como aquelas duas cabeças de negros incluídas no quadro, que, isoladas do conjunto se afirmam dum indiscutível valor.

Tratando-se de pintor de motivos, estilo e concepções tão diversas como o sr. Lula Cardoso Ayres — contraditório no melhor sentido, como é contraditório um Picasso — difícil se torna, no simples espaço de um artigo, o exame de sua produção, pois, qualquer ângulo tomado isoladamente deformaria o conjunto. Daí preferirmos noticiar o próprio conjunto, tomado, talvez abusivamente, dentro deste esquema — representativo, simbólico, dirigido — e sua evolução histórica.

Da fase representativa, ponto de partida de sua pintura, onde já se percebe sua força artística, em telas de valores cromáticos e harmonia tão bem realizada, como "Caboclos Tuchaús", cuja força, plenitude e exuberância lembram os clássicos da pintura moderna latino americana — Portinari, Rivera —, o pintor passa por uma das experiências mais sugestiva, que é a fase do boneco de barro. Na verdade, desenhando bonecos de barro da cerâmica popular, dando-lhes vida e manejando com suas linhas, cores e formas, o sr. Lula Cardoso Ayres realizou, do ponto de vista artístico, muito mais que simplesmente — como salientam alguns — fixar aspectos de nossa arte popular e fazer trabalho de documentação, o que seria muito pouco para o seu poder artístico. Com isto, Lula Cardoso Ayres conseguiu um ritmo pictórico distinto das formas humanas e dos modelos clássicos (antigos ou modernos) e atingiu uma estilização simbólica, daí derivada, apenas comparável a certas transposições musicais de motivos populares. Como temos nas composições de Vila-Lobos um exemplo brasileiro. Isto é, Lula penetrou no estilo popular, nas formas dos artistas anônimos, mais próximas

do primitivo coletivo, para se impregnar de seu ritmo, e daí transpor uma nova realidade (formal, linear, cromática, etc.) para a sua criação artística individual. Seguindo exemplo dos mais ilustres: o de Modigliani, que transpôs para os seus retratos celebres sua inspiração na escultura negra.

Pois — sem com isto cairmos em esteticismos — é preciso não esquecer aquela distinção expressa por Charles Lalo, e hoje aceita por todos os teóricos da estética: existem duas categorias de elementos na obra de arte: os estéticos e os anestéticos. E o "pitoresco", ou documentário, etc., pertencem bem à segunda categoria. E a importância dos bonecos de barro na pintura de Lula é absolutamente estética, quer dizer, deles resultou um conjunto pictórico novo, que foi posteriormente influir em toda a evolução de sua pintura. Conjunto resultante da fusão das configurações (em seu mais amplo sentido, no da escola configuracionista da psicologia moderna) da cerâmica popular com os motivos nuanos e naturais visados posteriormente. Fusão, como aquela, anunciada talvez por graça, pelo pintor Ferdinand Leger, entre as formas da Gioconda (clássicas) com as de uma bateria de cosinha (modernas).

Daí esta fase, de modo algum ser "representativa", e sim, "simbólica", cu melhor, ser o estado inicial, a verdadeira aquisição da arte simbólica em sua pintura. Esta, já vai se manifestar numa tela das mais equilibradas, e ao meu ver, das mais importantes de sua pintura, que é "Boneca de Maracatú", onde o pintor, liberto da cor realista, do colorido impressionista, vai descobrir na cor um elemento ornamental de superfície (como na cerâmica popular, os bols coloridos em vermelho, azul, etc.) criando uma simbólica nova da cor, que, neste sentido volta a ter um sentido mágico, primitivo, super-naturalista e super-psicológico (veja-se, neste assunto, o notável estudo de C. Schuwer — "Sur la signification de l'art primitif" — J. de Psych., 228:185 (1931)).

Mas, a medida que Lula penetra neste rumo novo de sua pintura, vai aprofundando os valores líricos e subjetivos de seus motivos, e é quando passa a se defrontar com o mal assombrado, com o infra-natural como assunto pictórico. Primeiro num plano decorativo, até que atinge uma maior consistência e unidade (que já se sente esboçada no quadro Meu Boi Morreu) uma maior realização como quadro, propriamente. Aí se dá uma revolução total em sua pintura, resultante da revolução de sua temática. Se ins-

(Continua na pág. 41)

ção do velho mundo escravocrata greco-romano, mas acompanhou impotente a derrubada do mesmo, conduzindo o homem às trevas enquanto se propunha a trazer as luzes, a "boa nova". Deu "ideais" ao homem, porém não lhe deu "meios". Realizou-se como religião, entregando as coisas terrenas ao cuidado da "providência divina". Libertou o homem da escravatura, mas entregou-o desarmado, sem instrumentos, às forças naturais e acabou por achar natural a própria escravidão que combatera. Daí surgiu a Idade Média.

Desta alienação milenar, que foi a ideologia medieval, o homem procura evadir-se há tantos séculos. O progresso técnico e científico, do qual a bomba atômica é a última e espetacular conquista, é o caminho pelo qual chegará à objetividade, digamos, à consciência e ao domínio de maior soma daquelas forças naturais e à realização dos ideais humanos. A máquina, exercendo o papel de "escravos-máquinas", antevista pelo filósofo grego como capaz de substituir a escravatura, irá libertando o homem e dando-lhe os meios de realizar os ideais cristãos primitivos, que são: a liberdade, a igualdade, a fraternidade, como acentuou eloquentemente, entre nós, o Padre Ducaillon.

A renovação cultural do homem se processa com o retorno aos ideais cristãos originários e a recuperação da vitalidade clássica imperecível. "Sem a escravidão antiga, não haveria (diz Frederico Engels) socialismo moderno". Os valores clássicos e os valores cristãos podem ser compreendidos e articulados pela cultura moderna, que proporcionará, como proporciona, os meios da realização do humanismo, que é a jugulação de forças naturais atuantes sobre o próprio homem pelo conhecimento científico e pelo domínio técnico. Noutras palavras: a sua libertação, pelo socialismo, do regime de exploração e sua integração (do homem) nos ideais altruísticos ou humanos propriamente ditos. Deste objetivo supremo da história inegavelmente muito nos aproximamos com o "salto" que significou o

triunfo sobre o nazi-fascismo, que condenou o aspecto negativo da civilização e foi uma ameaça à mesma.

Hitler é o símbolo deste aspecto reacionário e opressor. Foi o líder das forças retrógradas que resistiram e resistem à morte, reagindo violentamente. O fascismo é "a civilização dos instintos brutos", posta em realização pela máquina; é a máquina contra o homem. A máquina — propriedade da classe exploradora, prenhe de milenares tradições de domínio legadas pela história da opressão, que não cedem o poder senão destruídas à força — contra o homem!

Mas o homem "amante da paz e da liberdade" vence a máquina, tomando-a das mãos dos loucos fascistas, e há-de, colocá-la em sua função libertadora!

Hitler simboliza o velho mundo arraigado do hábito da exploração. Como Juliano, "morreu combatendo"... o bolchevismo. Mas Juliano foi humano: resistiu ao caos medieval. Sua aguçada inteligência quis evitá-lo pela conservação dos valores antigos. Não pôde manter, por um momento, sequer a velha ordem corrompida, que fôra esplêndida, e cujas realizações, tanto no pensamento como na organização social e política, mas sobretudo na arte, ainda nos maravilham. Hitler foi inumano: resistiu ao "mundo democrático", à libertação do homem, perfeitamente exequível pela cultura moderna, que possui os "meios" de que careceram os primitivos cristãos para realizar o Reino de Deus de liberdade e justiça...

Juliano foi a inteligência; Hitler, o instinto grosseiro, mecanizado. Simbolizaram o entrocamento e o fim de épocas que já parecem, tanto uma como outra e outra, distantes de nós, ao ouvirmos José Stalin e Harold Laski proclamarem o "século do homem do povo" por que Roosevelt afirmara combater sustentando não achar-se o mesmo "muito distante dos nossos dias".

Os instintos, parecem, na vida internacional também, suplantados pela inteligência; a guerra pelo desenvolvimento pacífico,

continua na página 32

HITLER E JULIANO

ANTONIO FRANCA

Quando a invasão dos bárbaros acabou por esfacular o Império Romano desintegrado, no interior, pela crise econômica, social e política, no ocidente europeu, a Igreja Católica apareceu como a única força organizada. A preocupação dela, porém, era a salvação das almas e não propriamente a implantação de nova estrutura social, que ficou à espontaneidade das forças naturais.

Desde o ano 395, o Império dos Césares tornou-se definitivamente dois Estados autônomos: o do Ocidente e o do Oriente. Aquele, sempre atingido por novas invasões, desarticula-se com maior rapidez. O Império bizantino, mesmo reduzido à capital e a restrito território, resistiu e manteve sua influência, graças à continuação do comércio e da navegação nos mares orientais euro-asiáticos. Constituiu um núcleo de preservação da cultura antiga, apesar do abizantinamento ou cristianização formal. Tomou os símbolos cristãos sem cair no proletarismo cristão, mas conservando um refinado neo-platonismo. Irradiou-se pelas regiões do Mar Negro e pelo oriente europeu: Rússia. A divisão do Império seria também a origem remota do *schisma* (separação) da Igreja grega, no ano 862, que passou a se chamar ortodoxa, isto é, verdadeira. Enquanto a de Roma se intitulava católica (universal).

A fim de obter a adesão dos cristãos na luta pelo poder contra seu competidor, Constantino — cujo ensaio crítico de Jean Remy Palanque acaba de ser publicado em português — concedeu honras de religião oficial (Edito do ano 313) ao cristianismo, a par dos cultos antigos, com os quais não rompeu formalmente. Mas este presente de grego ofertado à civilização clássica, furiosamente combatida pela intolerância da seita cristã, foi retirado por Juliano. Criado na doutrina cristã e participando a seguir da vida militar e da corte, sofrera o influxo das duas tendências: no lar, a cristã;

na sociedade, a pagã. O resultado do seu conflito de consciência foi compenetrar-se poderosamente de que nada podia haver de mais nefasto à vida humana e à cultura clássica do que o cristianismo, ferrenho adversário da civilização ainda subsistente. O imperador Juliano tomou o partido contrário. Colocado na encruzilhada dos dois "mundos" — o clássico e o medieval, como filósofo penetrante mais que hábil governante, preferiu manter-se fiel à cultura antiga uma vez que o oposto era a negação, o desconhecido, o caos. Restaurou a clássica liberdade de culto e prestigiou pessoalmente os deuses do Olimpo.

Entretanto seu governo foi breve (361-363). Tendo que lutar contra os persas, morreu combatendo. Diz a lenda que, ao exalar o último suspiro, exclamou, dirigindo-se aos cristãos: "venceste, Galileu!"

A história medieval, essencialmente cristã, vingou-se de sua apostasia, repetindo a lenda e dando-lhe o cognome de "o apóstata". Entretanto o Renascimento exaltaria a largueza dos seus gestos, lamentando o malôgro de sua obra no sentido de evitar que o mundo mergulhasse na "noite dos dez séculos".

O Romantismo, por sua vez, experimentaria o assombro de Goethe confessando em carta a Schiller, datada de 1798, que "se houvera notado mais cedo a grande significação deste personagem que triunfou sobre a história", teria posto em execução seu "projeto espantoso" de fazer com Juliano o que fizera com Fausto. Teríamos assim um drama a simbolizar a defrontação de dois "mundos", como Ibsen tentou no seu "O Imperador e o Galileu". Entretanto será o mundo moderno que há de compreender Juliano, o imperador-filósofo, a razão de sua apostasia e seu esforço para sustentar o paganismo.

A doutrina cristã refletiu aspirações sociais sublimadas no processo de decomposi-

(continua na pág. 20)

Informações sôbre o Teatro do Estudante

JOEL PONTES

Fazer crítica em tôrno do Teatro do Estudante de Pernambuco não pode ser simplesmente objeto de um artigo. O caráter revolucionário e renovador que cerca esta entidade artística proporciona ao crítico inúmeros motivos de estudo, desde as meras adaptações cênicas aos fins culturais que visa — fins únicos no Brasil até o tempo presente.

Pretendo neste artigo apenas dar uma ligeira informação, como o título está a sugerir. Reservo para estudos posteriores as partes especiais, particulares, considerando agora apenas o conjunto, in totum.

Em 1938, Pascoal Carlos Magno pôs-se à frente dos estudantes cariocas e revolucionou os palcos brasileiros infestados pelas comediazinhas de costumes burgueses. Foi buscar em Shakespeare o ponto de partida para o Teatro do Estudante. Já se pode dizer hoje que se repetiu no Brasil aquele fato acontecido na Dinamarca, na Noruega, na Holanda, na Polônia e em outros países: iniciou-se um movimento renovador, podemos dizer mesmo, iniciador de um Teatro nacional, tomando-se como ponto de partida o dramaturgo inglês. Para muitos, afigurava-se uma temeridade jogar ao palco um grupozinho de amadores bisonhos com a responsabilidade que "Romeu e Julieta" lhes lançava aos ombros. Estes não sabiam que os estudantes, pelas expansões próprias à idade, se colocam muito naturalmente à frente de todos os movimentos idealísticos-revolucionários, com a firmeza que falta àqueles que olham para a vida com o olhar neutro da resignação. Positivamente os estudantes sabiam o que estavam fazendo, compreendiam o esforço orientador que estavam imprimindo ao teatro brasileiro.

A responsabilidade daquele empreendimento não os assustou. Tinham muita coisa para dar e quasi nada para perder. A simples aceitação de Shakespeare já representava por si só o entusiasmo pelo arejamento da cena brasileira, uma atitude de aceitação corajosa e também de liderança. Desprezaram essa gente, tão terra-à-terra, que morre de medo diante de qualquer movimento que procura dinamitar a rotina.

Já era caso resolvido nos nossos melos tea-

trais que os amadores se satisfizessem com as festinhas escolares de fim de ano ou com os espetáculos de caridade, raríssimos, com os pés aparecendo por baixo do velário. Estava assentado: os palcos brasileiros deviam suportar indefinidamente a desonra, o insulto das mesmas comédias, sem valor artístico, pornográficas, sem criação de novos personagens ou de novas situações. Comédias de sátira à pequena burguesia com os tipos batidíssimos da sogra feroz, do amigo farrista e do marido tímido que se transforma depois em dono de casa; e as situações que acompanham estes tipos faziam as delícias de uma sociedade inculta, insincera e desejosa tão somente de exibir toletes e divulgar a anedota do dia. Os estudantes do Rio passaram por cima de tudo isso, em 1938, e alcançaram um triunfo tão indiscutível, que logo após produzia os seus primeiros frutos com representações feitas por outros conjuntos, dos grandes teatrólogos universais e com o aparecimento dos Comediantes.

Antes de 38, Engênia e Alvaro Moreyra tinham conseguido levar peças de Ibsen, Lenormand e Pirandello com a Companhia da Casa dos Artistas. Jaime Costa tinha experimentado alguma coisa de valor — Mollere, O'Neill e Pirandello — voltando logo à "Pensão de D. Estela".

Hoje o ambiente teatral é outro muito diverso. Shakespeare e os estudantes conseguiram quebrar o medo de enfrentar as peças mais sérias dos autores antigos e modernos que souberam criar tipos e situações humanas, que os toques pessoais de poesia, deformação e mistério. Já ninguém se espanta de que os Comediantes levem Shaw, Giraudoux, Lorca, Gogol ou Maeterlinck.

Nem por isso deixa de existir a "chanchada" e de subsistir o dramalhão. Há lugar nas platéias para todos os gostos, até para esses amantes dos desgarramentos da tragédia e da comédia. O expectador que prefere compreender o sentido dos sofrimentos humanos, participar das dores e alegrias de outros homens e povos, encontrará sensibilidade, poder, interpretativo e criação honesta nos amadores do Rio e até da Província.

como em profissionais da categoria de Dulcina e Procópio Ferreira.

Se o expectador prefere entrar no teatro, ouvir meia dúzia de imoralidades em baixo calão e sair despreocupado, basta procurar os conjuntos especializados no gênero.

O que se está vendo, entretanto, é que o público cada vez se aproxima mais do verdadeiro teatro. Apesar da falta de casa de espetáculos, da aparelhagem deficiente das que existem, na frequência limitada à alta burguesia — as casas se enchem quando um nome de verdadeiro teatrólogo assina a peça da noite.

Em Porto Alegre, o Teatro São Pedro está se esfarelado, as poltronas são incômodas e barulhentas. Nem por isso deixou de se encher quando o Teatro do Estudante do Rio Grande do Sul levou "A mulher sem pecado" de Nelson Rodrigues. O teatrinho Guarani, de Salvador, não obstante a falta de conforto do palco à platéia, superlotou com o Teatro de Amadores de Pernambuco, tal qual o nosso Santa Isabel.

No Brasil há falta de casas de espetáculos. Há deficiência, quasi inexistência de uma literatura teatral. Sobra-nos, porém, amadores honestos, crentes fervorosos em seu trabalho, que estão realizando a grande tarefa de interessar os outros atores, os empregados e diretores pelas grandes peças.

Somente uma coisa esses atores bem intencionados que já ocupam os teatros do Rio, São Paulo, Porto Alegre e Recife não conseguiram fazer: não conseguiram ainda trazer o povo às salas de espetáculos. Fazer rir o burguês com as comédias de Bernstein é naturalmente um prazer, porque o grande burguês ri de si próprio, às vezes ignorando que é personagem também. Um prazer que nada constroe, que se paga em si mesmo.

Justamente a classe de onde proveio o teatro está privada de acompanhar as grandes realizações que se vêm conseguindo sobre os palcos. Autores cujas peças são encorajamentos vibrantes, ou advertências, ou lendas, ou histórias populares, autores assim permanecem completamente desconhecidos da massa. Acredito na existência de atores que amam e desejam servir ao povo. Sei que certos autores saídos das classes populares sempre se sentem melhor em seu meio, e não ignoro que o povo brasileiro deseja conhecer o teatro, não esse que lhes dão, mas aquele que entrevê e aplaudirá instintivamente.

Na Inglaterra, faz-se teatro ao ar livre, pagando quem quer e quanto bem quer. Na Rússia, faz-se coisa semelhante. Joracy Camargo, em "Teatro Soviético" conta o que é o teatro das massas na U.R.S.S., e o que

são os grandes espetáculos ao ar livre com as reconstituições pormenorizadas de fases da Revolução. O exemplo de Federico Garcia Lorca, creador da "Barraca", frutificou na Argentina com os movimentos denominados Teatro Popular, de Barletta, e Teatro del Pueblo, de Navas, igualmente de reaproximação entre o povo e o teatro.

E' certo que a arte teatral nunca se separou do povo. Por um lado a sua origem estabelece a ligação umbelical. O Teatro não surgiu sinão das festas gregas de caráter religioso e popular em louvor a Dyônisis. Ainda hoje exige um público sem o qual torna-se muito difícil alcançar o seu característico principal: a tensão dionisiaca; e seus argumentos muitas vezes repousam sobre as mais diversas manifestações dessa mole imprecisa que é a alma coletiva. Salvo aqui, naturalmente, os "torres de marfim", existentes no teatro, como na música, na escultura, na pintura e nas demais artes. Esses "ilhados" estão tão fora do tempo, tão deslocados em todos os sentidos, nesta época de solidariedade humana, que bem podem ser despresados os esquecidos enquanto o próprio tempo não se encarrega deles. Traidores do teatro, como de tudo o mais, esses artistas têm no afastamento do povo a ambiência e

Livraria Imperatriz

Berenstein & Irmão

Literatura, Medicina, Engenharia,
Agricultura, Avicultura
e Direito.

Acetam-se encomendas de livros
estrangeiros.

Grande sortimento de artigos
escolares e de escritório.

Rua da Imperatriz, 17
FONE 2383

HITLER E JULIANO

(Conclusão)

apesar das discussões acesas que travam as nações. O poderio da paz, cuja base repousa nas nações socialistas, tornou-se igual ao poderio da guerra e em marcha para ultrapassar a este. Juliano é compreendido; Hitler, execrado para todo o sempre.

Entretanto ainda há quem afirme que a história se repete...

o motivo mais forte de criação artística. Têm existido em todas as épocas. Ao seu lado porém, jamais cessaram de produzir esses outros artistas que sentem a vivem com o povo, sendo eles mesmos homens do povo.

Os estudantes cariocas de 1938 venceram no esforço realizado. Transformaram concepções e preferências, conseguindo apurar o bom gosto das classes mais ricas. Já é um hábito prazeroso, embora ainda não seja uma necessidade, assistir aos Amadores, em Pernambuco assim como aos Comediantes no Rio. As platéias estão sempre repletas de estudantes, médicos, industriais, comerciantes, professores — toda essa gente que assistiu até bem pouco tempo às chanchadas que todo brasileiro assiste, como tem sífilis e joga futebol: por fatalidade...

Mas há classes sociais que nem sequer penetram nos teatros, que se assustam, levadas por recalques muito antigos, diante do aparato dos porteiros, do luxo dos espectadores e principalmente do preços tabelados.

Se na Inglaterra — país de poucos analfabetos e de uma literatura teatral onde se rende um culto quase religioso à Shakespeare — se na Inglaterra tornou-se necessário que os estudantes dessem espetáculos gratuitos sobre carrocerias de caminhão, o que não será necessário fazer no Brasil? No Brasil dos 70% de analfabetos, da literatura teatral apenas esboçada e da aversão às salas de espetáculos! Claro que o trabalho para fazer o povo identificar-se novamente com o teatro será muito maior. Pontos de apoio são os espetáculos de mamulengos e as pantominas de circo. Espetáculos que, sem cenário e sem maiores cuidados, conseguem fazer rir e fazer chorar ao povo que os assiste sem constrangimentos das roupas, cuidadas ou das atitudes pré-estabelecidas.

★

O Teatro do Estudante de Pernambuco que tem pela frente essa enorme tarefa, não convida apenas, mas leva o teatro até o povo. Os páteos da igreja, que na Idade Média fizeram as vezes de palco, para representação de mistérios e Autos, foram instrumentos para a propagação das palavras santas. Aproveitando os adros e até as clareiras da floresta, com cenário de papel e até cenários da própria natureza, os jesuítas do século XVI organizaram os seus espetáculos e Anchieta fez representar as suas peças teatrais.

Diz Gilberto Freyre, em "Região e Tradição" que os senhores de engenho do Nordeste tinham, durante o século XIX, quasi

sempre, seus teatrinhos particulares usados nas noites de pastoril.

A respeito de teatro ao ar livre e gratuito nada foi mais importante do que estas duas variedades, na vida social dos brasileiros.

O "teatro dirigido" de Anchieta aproximava indígenas e portugueses através da bi-linguagem do texto e da inteligente maneira de combater certos costumes nativos como a antropofagia, que mostra ser própria dos espíritos do mal: Aimberê, Savarana e Cão Grande. (O mistério de Jesus).

Os pastoris não tinham função reformadora, mas derivavam simplesmente dos costumes da época, agindo de maneira conservadora, portanto.

Foi em espetáculos assim que o povo brasileiro tomou contacto com o teatro. Até começo deste século, as companhias líricas italianas e portuguesas visitavam sempre as nossas cidades e davam os seus espetáculos de lotação regular. Em Recife, estudantes de um lado, e caixeiros do outro, formavam dois partidos a festejar e amar as duas atrizes principais da Companhia...

Hoje o tempo não é mais de doce despreocupação. Tempo que vive profundamente em nossa carne pelos sofrimentos coletivos, pelas tragédias até bem pouco consideradas produtos de imaginações desordenadas, mórbidas. Esse após-guerra, embora apenas entrevisto, está prenhe de lições e planos construtivos. Sofremos demais para que possamos transigir nessa linha de conduta de aproximação aos humildes e de trabalho nas obras de paz, beleza e esperança. As grandes realizações intelectuais estão marcadas pelo tempo. Assim, não se compreenderia que uma obra revolucionária como esta do Teatro do Estudante de Pernambuco fosse apenas revolucionária pelo seu aspecto material. Cenários, montagem em geral e repertório podem ser revolucionários sem entretanto atingirem os alicerces de um estado de coisas estabelecido. No caso, a indiferença inegável com que o povo encara o teatro, no Brasil. A potencialidade revolucionária do Teatro do Estudante de Pernambuco vai rebentar não só material sinão também formalmente. A montagem de Lula Cardoso Ayres realizada por intermédio de rotundas e cortinas, com a supressão de tudo quanto não for essencial; a escolha de peças — nacionais ou estrangeiras, antigas ou modernas — com a preocupação única do bom teatro, daquele assentado em firmes bases psicológicas, sociais, poéticas ou filosóficas; tudo isso estaria incompleto se a marca do tempo não ficasse gravada mais

forte com o seu timbre de sangue. Não basta um repertório escolhido ou uma montagem original, realizada por penetração no pensamento do autor, — sugerindo mais do que dizendo, para aguçar a imaginação e a expectativa. Somente isso não basta. O necessário, o imprescindível, é levar um tal teatro ao povo e estabelecer laços de compreensão e de amor do povo para com o seu teatro.

Com toda a arte representativa, o teatro exige um público. Até agora não se tem escolhido um público como se escolhe uma peça ou um intérprete. Chegou a hora de fazê-lo. Na situação atual brasileira é premente a necessidade da escolha de um público. Não se compreendam, estas palavras com intuítos exclusivistas. Os ricos, os que podem pagar, têm as grandes casas de espetáculos. Os conjuntos que se exibem nesses lugares têm já o seu público demarcado: as chamadas elites, gente escolhida, da alta. Nem por isso estarão excluídos dos espetáculos do Teatro do Estudante.

Ao povo restam os espetáculos dos camelots, dos mágicos de feira, dos circos, dos cantadores, dos mamulengos, dos dumba-meu-boi, pastoris e cheganças. Espetáculos primários de teatros de variedades, mas que provam perfeitamente o prestígio do teatro no meio do povo.

Os estudantes de Pernambuco acreditam que a multidão que cerca o camelot para ouvir as suas histórias, os entusiastas dos cordões azul e encarnado e os admiradores de palhaços como Gregório, assim como os apreciadores das pantomimas e mamulengos — acreditam que toda essa gente receberá com a mesma disposição de ânimo as maiores realizações cênicas mundiais. Desde que sejam inteligíveis às mentalidades ainda desacostumadas, as representações do T.E.P. terão sempre como a sua platéia escolhida porém não exclusiva, o homem da rua, o zépovinho chamado.

Diante das carrocerias de caminhão, sobre as quais serão montadas as peças, haverá sempre um público a aprender e a comover-se. Naturalmente que isto não acontecerá logo. É bem possível que os estudantes, como pioneiros que são do teatro popular, sejam de início incompreendidos pelo povo, como o têm sido por muita gente boa. É possível que sejam molestados, apedrejados. Será esse um magnífico sinal da potencialidade artística do povo, e pela metade as dificuldades estarão afastadas: porque se o povo vibra e se indigna diante de uma coisa, ou a compreende e estima, ou não a compreende, e a

Albuquerque Ramos & Cia.

Agente de
WALLING & Cia. Ltda.

FOGÕES WALLIG e BERTA a gaz.
carvão, óleo e lenha.

Cosinha Modêlo em qualquer capacidade. O maior e melhor sortimento em utensílios de alumínio. Caldeirões de grande capacidade, carrinhos para crianças, velocípedes, refrigeradores.

RUA DA IMPERATRIZ, 110
FONE 2366

Recife - Pernambuco

odeia. O povo pode não compreender, mas não pode odiar um trabalho realizado em seu próprio benefício, desinteressadamente, por um grupo de jovens. No começo pode parecer estranho o trabalho e o programa do Teatro do Estudante. Depois, o povo irá compreendendo intuitivamente que há um teatro vivo e um teatro morto. Vivo, aquele das reivindicações, dores e alegrias dos indivíduos e das coletividades. Morto, o do grand-monde, maneirismo, feminil, avesso ao suor e às mãos calosas.

O Povo saberá então o que é que está morrendo, conhecerá a resposta à pergunta de Lenormand em "O Crespusculo do Teatro": "E eu me pergunto agora, como atemorizado, que é que está morrendo em torno de nós? Porque algo morre à nossa volta, evidentemente!" (Ato I).

O grande tatrologo francês referia-se à falta de entusiasmo geral da gente do teatro, atores, público, e até maquinistas. Esse desinteresse não terá as suas principais razões numa influência recíproca do autor, ator e público? não será o esquecimento do povo como motivo creador, o público indiferente porque não se sente tocado, e a lassidão natural do ator que representa sempre as mesmas coisas falsas para uma platéia neutra, sem o excitante de um aplauso ou mesmo de uma vaia sinceros?

O Teatro do Estudante de Pernambuco representa muito de luta contra isto. Representa, em todo o seu esforço vigoroso, um novo sentido creador, "porque algo morre à nossa volta, evidentemente!"

O SUAVE CHARLES LAMB

LAURÊNIO LIMA

Nenhuma figura mais simpática entre os literatos ingleses do que esse Charles Lamb a quem jámais alguém chamou de Mr. Lamb, mas sempre pelo seu primeiro nome. Esse pequeno burguês de Londres, a quem não atraíam as vastas cenas ou as grandes aventuras, teve uma vida bem trágica que não se revelaria em seus escritos sinão por uma nota muito suave de conformismo e um sentido de "humour" muito britânico que fazem o leitor imaginar todo o tumultuar das tragédias que se processavam no seu íntimo.

Encontro Charles Lamb, depois de algum tempo de separação, desde a leitura dos seus "Tales From Shakespeare", nesse velho livro — a espécie que êle amava — dum autor mediocre, Barry Cornwall que foi contemporâneo e amigo do ensaísta e teve por êle uma dedicação quasi dum Boswell sem a sua paciência.

Desse livro, "Charles Lamb, a Memoir", escrito em 1866, trinta e dois anos depois da morte de Charles Lamb, vem a sugestão do grande escritor como homem. Homem de vida e hábitos bem regulados, que fazia literatura pelo amor extremo aos livros antigos e, às vezes pela necessidade de aumentar um pouco a sua escassa renda de pequeno funcionário. É bom que Barry Cornwall não se tenha preocupado com possíveis técnicas biográficas, deixando-nos a liberdade de reconstituir, com seus dados esparsos e desordenados, a figura do homem Charles Lamb antes que sua personalidade de crítico, ensaísta ou poeta.

Ninguém me parece mais simples do que esse homem sem ascendentes bri-

lhantes numa terra de tanta preocupação genealógica. Esse intelectual cuja paixão era apenas pelas coisas menos espetaculares como os passeios solitários pelas ruas mais calmas da sua amada Londres, pelas íntimas reuniões em família, pelos livros e autores esquecidos, pela gente sem nome na história e que jaz nos cemitérios das pequenas cidades. Charles Lamb preocupava-se com os simples, os desconhecidos, anônimos até a morte, de nomes sem significação especial como o seu. Preocupava-se com o seu destino, o que o fazia perguntar à sua irmã, durante um passeio ao cemeterio — "Where do the naught people lie"?

Todavia Charles Lamb tinha a vida marcada pela sombra de grandíssimas tragedias. Sua irmã Mary Anne, o verdadeiro amor de sua vida, assassina sua mãe num momento de loucura e vive sob o pêso dessa lembrança terrível. O próprio Charles Lamb esteve sempre ameaçado por esta espada de Damocles e conhecia o terror de tornar-se louco para sempre. E esses fatos que seriam capazes de torná-lo um desajustado, envolveram seu pensamento e seu estilo numa aura de compreensão; mas, de afável doçura que atrai ainda hoje os leitores mais indiferentes.

Barry Cornwall escreve o seu livro baseado no contacto com o escritor, nas suas cartas, nos comentários dos amigos comuns. O biógrafo não teve a preocupação de escrever a vida do poeta do nascimento até a morte, e porisso chama com razão o seu livro de "Memoir". Todos os documentos, aparentemente

sem importancia, servem ao seu desejo de mostrar um grande escritor como um homem comum. E é ele mesmo quem lembra "The floating straw, it is said, show from what quarter the wind is blowing". Este biografo, ao tempo que escreveu o seu livro, já compreendia a pouca importancia de sua obra e não se mostra mais do que os outros. Ao contrario, tem a preocupação de manter-se apagado, excessivamente modesto. E se explica ao publico ao dar o seu testemunho: "I myself was amongst the crowd of contributors; and was author of various pieces, some in verse and others in prose, now under the protection of that great Power which is called oblivion".

A verdade é que ele nos conta pormenores da vida de Charles Lamb; suas preocupações, até financeiras; sua amizade com os grandes nomes da época — já celebres então — Hazlitt, Wor-

dsworth, Southey, Coleridge, Leight Hunt, Manning, a quem recebia em sua casa com a ternura de irmão pobre pelo êxito dos mais afortunados. Ele, sem a preocupação da glória, mas fazendo de literatura sua vida e não somente uma fuga a seus problemas quotidianos, tinha horror aos albuns de aniversário na época em que esse costume era o máximo do "bon ton". É que Charles Lamb era um homem de espirito, um humorista e dele podia dizer Hazlitt: "He was shy, sensitive, the reverse of everything coarse, vulgar, obtrusive, and common place".

Não se conhece um caso de amor de Charles Lamb e seu biografo frisa essa ausência. As mulheres passaram em sua vida sem deixar impressão na sua arte. Tôda sua ternura, quasi maternal, guardou para sua querida irmã, Mary, de quem nunca se afastou e da qual cuidava como pae, mãe, enfermeiro e namorado. Essa ternura fraternal extrema por uma eterna enferma transbordava em simpatia pelos autores desconhecidos, simpatia que o levava ao entusiasmo às vezes injusto. E ele, que não confiava na sua poesia, acolhia os poetas menores quasi sem restrições.

Do livro de Barry Cornwall sai o homem completo Charles Lamb. E é possível vê-lo baixo, moreno, de cabelos cacheados, escuros, quasi pretos, rindo pouco e sempre com um certo tom de tristeza. Podemos acompanhá-lo no seu caminho habitual "como os ponteiros do relógio de Convent Garden a Russel Street de olhar no chão, passo grave, quasi clerical, vestido com severidade, na sua ida ao trabalho ou na volta". Esse conhecimento nos faz amar, cada vez mais, ao ensaista e sobretudo ao poeta que viveu sem escandalo e nos deixou uma lição de resistência ao sofrimento — lição que serve à literatura e, mais ainda à vida.

AO SAIR DO CINEMA

A Sorveteria Botijinha abre-lhe as portas para oferecer o melhor sorvê-te da cidade.

SORVETERIA BOTIJINHA



NOTURNO

*Têm, para mim, visões de um outro mundo
As noites luminosas, azuladas,
Quando a lua aparece mais bonita.
São idos sonhos, nossas máguas santas,
São fantasmas antigos, carinhosos,
Que, nesse mundo, vivido e sem formas
Realizam tudo que não fiz aqui.
Será que mais alguém os vê ou os ouve?
Sinto o roçar de suas asas puras
E escuto as harmonias inefáveis,
Que, ouvidas, não se podem esquecer
Diluidos na branca luz da lua,
A quem dirigem seus etereos cantos?
Pressinto um vaporoso esvoejar:
Passaram-me por cima da cabeça,
E como um halo de luz envolveram-te,
Eis-te de branco, como uma visão mística,
A ventania me agitando em tórno
O perfume que sai dos teus cabelos.
Que vale a natureza sem teus olhos,
O' àquela a quem meu coração ama?
Da terra sai um cheiro bom de vida,
E os nossos pés a ela estão ligados:
Deixa que tua escura cabeleira
Alize levemente as minhas mãos
— Mas, não! A luz continua a envolver-te,
Ventos fortes agitam todo o vale.
E continúa a ronda dos espíritos.
O' meu amor, por que te ligo à morte?*

ARIANO SUASSUNA



RELIGIÃO E REAÇÃO

José Gondim Filho

Somos dos que pensam que é ainda uma grande felicidade pertencer à Santa Madre Igreja. E porque pertencemos a ela, porque formamos o nosso espírito na fé dos seus dogmas e dos seus mistérios é que muito nos temos preocupado com a atitude mais ou menos generalizada de certos intérpretes do pensamento clerical.

Da Igreja Católica se tem dito que não é somente mãe dos católicos, mas mãe de todos os homens. Mãe daquele que tem fé, mãe maior ainda dos transviados, dos que não encontraram o caminho antigo da caridade cristã. Certamente, este é o autêntico pensamento dos Evangelhos, a lição eterna daquele homem único e admirável que um dia divagou na terra distante da Galiléia, trazendo pela primeira vez ao mundo a verdade e a sabedoria das coisas definitivas. Foi Cristo quem nos apresentou uns aos outros como irmãos, nascidos do mesmo amor e da compreensão infinita das realidades humanas. Antes dêle, os homens formavam um agrupamento; depois dêle, esse agrupamento se transformou em família, constituída à sombra do perdão e da humildade. Surgiu a primeira afirmação de que nós devemos ser bons para quem é mau.

O pensamento cristão é um apeloavelmente aos homens para que se tolerem. Não vá aquele que Deus iluminou com a Verdade, combater o outro que está extraviado, escravo dos grandes e po-

derosos defeitos, ignorante da voz da Salvação e da felicidade.

A solução muçulmana é inteiramente incompatível com o ensinamento do Cristo. Os crentes que seguiam o Profeta nas suas arremetidas de sangue, representavam o espírito do mundo, que é a negação do espírito de Deus. A Verdade não é coisa que se imponha pela força e pela crueldade; ela é uma conquista da razão e, sobretudo, do amor. As relações humanas devem assentar sobre o amor.

Dessa verdade parecem estar esquecidos os católicos e padres que se lançam com uma fúria de mouros contra os adeptos de credos políticos ou religiosos, contrários à doutrina da Igreja. Como os antigos e para sempre lamentáveis inquisidores, eles reclamam o fogo do suplicio e as armas da vingança. Vingança e suplicio para os impenitentes, morte sem piedade para os que, na vida, não encontraram piedade. Os novos fariseus exigem cruzes, muitas cruzes para os inimigos da religião.

As Encíclicas dizem que o erro se combate com o exemplo e o esclarecimento. A história das perseguições é uma história de vitórias. "As idéias se nutrem do sangue dos heróis". A própria Igreja se desenvolveu com mais rapidez por força das perseguições e dos martírios. Mas os falsos cristãos se deixam possuir do desejo implacável de assassinar os filhos do desespero e da necessidade, de combater com a ex-

comunhão os partidários das novas heresias e sistemas políticos.

A Igreja traída pelos católicos

A verdadeira Igreja não tem nada que ver com as atitudes fechadas e incompreensíveis dos mais feios e extremados propagandistas do ódio religioso. Entretanto, a verdade é que tudo isso se vem fazendo em seu nome e à sombra do seu prestígio, com grande prejuízo para a força moral que ela sempre exerceu, em benefício da humanidade.

Já nos dias de hoje não poderá o nobre povo espanhol confiar nos seus padres e nas suas ordens religiosas, onde outrora professaram Santa Tereza e São Francisco Xavier. Um dos mais atrabiliários caudilhos do mundo se instalou no palácio dos antigos reis católicos e vem cometendo, impunemente, seus crimes, com o silêncio e a aprovação tácita do reacionarismo instalado nas igrejas. Em quasi todos os países nega-se a liberdade em nome da autoridade e os mal avisados defensores da violência aplaudem sistematicamente os regimens autocráticos, por mais que violem as prerrogativas humanas. O que se exige apenas, é o formalismo, a satisfação aparente às exterioridades da religião. Pouco importa, se por detrás do ritualismo vasio, estejam as injustiças sociais e a revolta justa do povo sacrificado.

Passível de muitas críticas é a atitude dos falsos cristãos, em relação ao comunismo. Eles dão a impressão de que estão mais preocupados em combater os comunistas, do que em combater o próprio comunismo. Conduzem a luta, sob um ponto de vista unilateral e fecham os olhos, na prática, às necessidades da massa explorada e necessitada. Esquecem-se de que as injustiças devem ser combatidas, onde quer que se encontrem e em nenhum lugar ela é

mais presente e mais atuante, do que nas fileiras da burguezia e do capitalismo. Estas é que são as grandes responsáveis pelos males da sociedade. As doutrinas políticas que ora dividem o mundo e agitam as consciências, não são nada mais do que soluções do desespero e da fome. A miséria conduz o homem a novos e illusórios ideais de felicidade e faz com que êle aceite a violência, com a firmeza e a determinação de quem julga ter encontrado a verdade.

O grande réu no mundo de hoje é o burguês. E' na Máquina, na Revolução Industrial, que vamos encontrar o germe da inquietação dos tempos. A medida que as fábricas se instalavam nas pacatas povoações de outrora, a fome ia aumentando progressivamente e o desespero do homem, subitamente proletarizado, era mais agudo que o grito das chaminés em atividade.

A hora da maior miséria foi também a hora em que mais se fechou o coração do burguês. Desapareceu da terra a caridade cristã e a Igreja, que se calou, separada do povo, perdeu a amizade e a confiança da classe operária, fato que com tanta desilusão, haveria de proclamar Leão XIII.

E' muito suspeita a companhia illustre, conservadora e convencionalmente bem comportada, dos católicos reacionários. Estão com êles os burgueses, os capitalistas de toda a espécie, os exploradores do povo, irmanados todos na mesma ansia decidida e furiosa de combater o comunismo e as reivindicações sociais. Não seria interessante lembrar a esses homens tão ciosos da verdade cristã e tão divorciados dela, que Deus certamente lhes cobrará contas do uso indevido e criminoso que fizeram do seu nome e, um dia, talvez, lhes pergunte: que fizeram da minha justiça, por quê atraíçooaram o meu povo necessitado e sofredor?

DEMOCRITO



*Para descer à alma das coisas me protejo
e fico rígido assim
na limitação dos sinais.*

*Grandes forças confusas arrastam-me para fóra
e nada sobra de mim
quando me enterneco
côlescentemente, pródigamente, á-tôa.*

*Não virão razões — virão as águas furiosas das cheias
súbito nascerá a presença do rio
que negativo aos sentimentos das águas tranquilas transpõe
os banhos os amores os peixes
as incursões piratas dos jacarés
e afogamentos ocasionais.*

*Boiarei levando nos cabelos crespos as marcas da impureza
nos olhos abertos para o céu o imprescindível horror
nos dedos descarnados as crispções inúteis.*

*Não sou o teu Cantor
mas quando a alma se projeta na ortodoxia desesperada
procuro tua morte para reencontrar o mundo.*

*O visgo da noite e o frio da noite me escureceram a boca
e tu eras louro e ascético — como convinha a um mártir —
e desprendido e afoito — como convinha a um herói*

Notas sôbre o pintor, etc.

(Conclusão)

pira nos mal assombrados e nas representações coletivas, e com isto torna cada vez mais noturna sua pintura. Isto vae lhe limitando o colorido, até que se liberta completamente do ar livre, com a total interiorisação lírica de seus motivos pictóricos. Aliás interiorisação mais dramática que propriamente lírica, um dramático que lembra William Blake. Os phenomenos e as coisas deixam de se situar na luz, e por isto perdem sua diversidade cromática, passando a serem expressos em matizes que se dissolvem em entonações, e em jogos de volume — o "tactil value" dos críticos americanos. Um novo ritmo adquirem suas formas humanas, que vão se tornando vaporosas, mas ao mesmo tempo hieráticas, profundas, e preñhes de mistério. Mistério que resulta duma destruição do tempo humano, substituído por um

tempo sem dimensões, sem começo nem fim, donde uma atmosfera onírica — e seu possível parentesco com o supra-realismo. Sua pintura passa a ser intensamente dramática, e suas figuras humanas são como pontos de exclamação, são gritantes, violentamente angustiantes; resultado também duma quebra da harmonia clássica, como no caso da música moderna. A quebra da distribuição ogival — suas figuras se inclinam num sentido se acumulam num lado do quadro, etc., a quebra do corte de ouro, a independência dos matizes e cores.

Então este valor dramático, angustioso, vae dominar toda a sua pintura, impregnar todas as suas formas, a tal ponto que a paisagem, quando existe no quadro, se tornará integrada no elemento humano, ao contrário da descoberta impressionista que se esforçava por in-

MORTO

Rodolfo Rangel Moreira

*Tu eras louro e ascético
de faces cavadas e olhos grandes
cinematicamente Arcanjo.*

*As balas viraram buscapés
e a boleadeira o arco-íris o corrupção da morte
te sacudiram no chão*

*(no momento exato que meu sangue empapava os lençóis
meu sangue derramado era um caminho de vida
e a Morte — giboia farta — se esqueceu de mim)*

*Não sou o teu Cantor
mas o visgo da noite já me entrou pelos olhos
e tua morte é o portal aonde me acolho transido*

*O frio das águas noturnas tem a moleza repulsiva dos sapos
os gritos de nojo não atravessam
os silêncios bracejantes dos afogados
e os desesperos imóveis*

*Na essência do que foste
adormeceste, isento da guarda de tua Morte
tua Morte — a dor gloriosa de tua Morte —
que nos levita e consome.*



tegrar o homem na paisagem. E isto encherá os ambientes de um mundo de angústia, de espera, de preocupação por um desconhecido que não está presente, mas é pressentido, de um sentido trágico, um sentido do "fatum", uma atmosfera de tragédia grega, onde a perda da liberdade do homem (a liberdade interior, metafísica, e não social, ou simplesmente política) é o grande elemento de angústia. Aqueles homens que caminham voltando do eito, compridos, quasi góticos em suas formas, inclinados sobre a terra, realizam um destino, estão, presos a ele, não podem vencê-lo, e como aquela noiva que as negras vestem, estão perdidos no mundo, ligados a fatalidades irremovíveis, dissolvidos no suceder existencial. E' este o grande elemento humano, universal, o grande elemento artístico de sua pintura, bem mais sério e profundo que o limitado e temporal aspecto de pintor de "nordestes" regionalista ou tra-

diconalista, que alguns simples ou simploriamente pretendem ver.

E tudo nesta pintura tende para consolidar esta atmosfera onírica, inclusive uma funcionalização de cores, matizes e entonações, que correspondem a alguma coisa de profundo, de inconsciente, e que o pintor consegue expressar, realizando o destino da verdadeira arte, como a define Elie Faure: "la réalisation de pressentiments de quelques uns, répondant aux besoins de tous". Pressentimentos que despertam, diante da obra de arte, do quadro, do poema, do drama da estátua, a verdade difusa, e lhe dão forma, lhe dão síntese. E com isto conseguem a fusão, a comunhão dos homens.

O que será, para onde irá esta pintura, é ainda cedo para prognosticar. Ela está apenas iniciada. Mas seu autor mostra uma força e uma plenitude dramática e artística que fazem prever uma realização das mais sérias.

Os Estudantes e a Campanha de Redemocratização

Guerra de Holanda

A participação dos estudantes de Pernambuco, notadamente dos de Direito, na campanha de redemocratização do país, já está em tempo de merecer uma interpretação exata, que estabeleça, em suas devidas proporções, o idealismo puro que a revestiu e que a animou.

Confessemos, de início, que houve estudantes que não foram somente "estudantes" nessa campanha; e que muita gente — muito odio guardado, muito egoísmo em assanhos — procurou emprestar uma aparência moral às suas intenções calculadas, embora nem sempre discretas, confundindo com o idealismo dos estudantes, as suas pretensões ao poder.

Nunca as nossas Escolas Superiores foram tão frequentemente visitadas por ilustres cidadãos estranhos, como nesses tempos pre-eleitorais!

E essa promiscuidade de caracteres, trouxe como prejuízo para os estudantes, a suspeita do povo sobre nós. Muitas vezes ouvimos o homem do povo censurar a nossa atitude política. Os operários pensavam, pensamento de sua classe e de quasi tôda a classe média, que estávamos pagos pela burguesia para subverter a "ordem" e acabar com o Estado Novo, esse velho estado matreiro que ele supunha ser seu "amigo" porque o "D. I. P." o dizia, cínica e insistentemente.

Enquanto, porém, o homem da rua nos julgava servos do capitalismo, as autoridades policiais, pelos mesmos mo-

tivos, fichavam e prendiam injustamente, como perigosos agitadores das massas, os estudantes que protestavam contra os atentados à liberdade e à pessoa humana, praticados contra o povo, todos os dias, pelos donos da Pátria.

Nesse ambiente de suspeitas e de dúvidas, com alunos das Faculdades armados e pagos para vigiarem as palavras e os atos de seus próprios colegas e de seus professores, os estudantes concientes de seus deveres e indiferentes à incompreensão de quem quer que fosse, lutavam pela restauração das liberdades públicas.

Foi uma luta que se sediou nas Escolas Superiores do Recife e no velho edifício do "Diário de Pernambuco", onde um dos nossos, o melhor de todos nós, ficou, para sempre, plantado como um marco que recordará, aos tempos, uma época e u'a mocidade.

Os estudantes sofriam as razões de sua revolta incontida.

O povo não podia ser mais enganado por uma súcia de mistificadores que se entrincheiravam no poder e queriam o poder sobre todas as cousas.

Os flagrantes desrespeitos ao judiciário pelo poder executivo, a carestia da vida, as prisões por motivos políticos, a mentira organizada e oficializada pelo "D. I. P.", a censura à imprensa, as perseguições oficiais por motivos de antipatia pessoal, a criação dos tribunais de segurança, com juizes de exceção, os

(Continua na pág. 47)

Augusto Frederico Schmidt na Poesia Brasileira

ANTONIO CAMELO DA COSTA

A arte e a literatura de nosso século promoveram justa luta em busca da liberdade, contra todas as fórmulas opressoras. Luta que foi, ao mesmo tempo, uma reivindicação legítima e uma questão de sobrevivência; sobrevivência para muitas daquelas atividades do espírito que a máquina e seus progressos tentaram destruir. A vitória da causa, tão nobre e tão justa, renovou os caminhos da criação artística e literária, onde se respirou uma liberdade quasi absoluta. Abriram-se rumos ignorados; surgiram novas diretrizes, apareceram os "ismos" de numerosas escolas.

Todavia, forçoso é reconhecer que essas conquistas, asseguradas de um ímpeto acarretaram problemas de proporções fantásticas. Houve como que uma evolução violenta, forçada do pensamento criador. Num determinado momento, uma reviravolta completa, um salto ao futuro, o desligamento brusco da obra de arte do povo.

E' uma das consequências fundamentais essa separação do artista das massas, as torres de marfim cada vez mais distantes; o elemento estético num emaranhado para ser decoberto apenas por uma minoria escolhida. Em última análise foi o povo que se viu lesado com essas vitórias; foi ele o único elemento sofredor. O uso desinteligente daquelas liberdades, a impotência mesmo de precisá-las separou do povo um dos elementos de sua nutrição, alguma coisa tão imprescindível à satisfação de suas necessidades espirituais, como o pão à vida. O alijamento do espírito ficou nas mãos dos "eleitos" para outra minoria de eleitos, como se todos não sentissem, não tivessem alma.

Desprêso berrante, abismo intransponível entre o que cria e o que tem necessidade da criação, que deixou o homem dentro de uma época agonizada, de um presente de desespero, incapaz, numa realidade sem compreensão. O homem sozinho com o seu destino de misérias. Descrendo da arte, descrendo de Deus, descrendo da vida. Tudo arrastando-o ao materialismo grosseiro que avança para o mundo. Tudo impelindo-o aos extremismos

mais negativistas, aos resultados mais funestos.

*

A luz da liberdade criadora cegou os críticos, cegou os próprios poetas. Indiferentes todos a um problema relegado como insolucionável.

Augusto Frederico Schmidt seria em nossa literatura o que empreenderia, com fé e concientemente, a missão de conduzir a poesia aos seus limites, à sua grandeza, à sua finalidade. Destruindo o cabotinismo prejudicial e egoísta da arte pela arte, fazendo desaparecer o desprêso pelo público, guiando a poesia às almas simples. Para isso deveria sumir-se o conceito absurdo da arte como fim e meio em si mesma, num mundo prestes a perder-se pela negação do espiritual.

A obra de Schmidt na literatura brasileira é, pois, uma solução. Solução que não destroi para construir, mas que concilia para renovar. Não tomou posição definitiva e unilateral diante do problema. Não desprezou as conquistas da poesia, voltando-se ao passado. Pelo contrário, assegurou todos os direitos do espírito e traçou os caminhos de uma poesia mais humana e mais sincera, sem deixar de colher o exemplos do passado, no que ele possuía de mais estético e mais feliz.

Não é destruidora, repito, a sua obra. E' renovadora, em direção ao homem, para que a luz da beleza penetrasse novamente

"Os nossos olhos cansados, os nossos olhos
[pregados nas ruas, nas casas,
Os nossos olhos voltados para as fisionomias
[inquieta, ausentes da beleza, ausentes da
[poesia".

Schmidt chegou a contemplar a morte da poesia. Exagêro e verdade. Sentiu-lhe o abandono e sofreu de vê-la impotente no mundo de desespero, sem poder aliviar os sofrimentos humanos, aquecer os corações cansados de

penar, endurecidos pelas misérias de uma época, a mais negra jamais percorrida pela humanidade. E justamente numa hora em que

... "a Poesia vai morrer para o mundo
Em que a Poesia está errante, sem lar, des-
|brigada,
Sem poder melhorar o mundo, sem poder sal-
|var o mundo,
O pobre mundo escuro e triste",

é que o mundo mais tem necessidade dela, mais a reclama e os corações humanos mais aspiram a sua volta. Ele reconhece po- isso que:

"A hora é da Poesia! A hora é do canto!"

De um canto humano, de um canto de sentimento para que se possa compreender e, ao mesmo tempo, fugir do desespero, da angústia que procura apoderar-se de todas as almas.

"Cantar — claro cantar — para não ficar
|louco".

Mas dentro da música, sem fugir ao ritmo, sem

"...dizer a poesia em blocos, em coágulos,
|violenta!"

*

Com uma alma de vibrações as mais sensíveis, "inquieta e errante" por todos os caminhos surpreendentes da beleza, capaz de revelar as profundidades encantadoras de seu "mar desconhecido", percorreu Schmidt o itinerário de sua poética verdadeira, de missão salvadora. Itinerário que não é o do co-

tidiano, o da confusão filosófica forçada, o do ceticismo. Mas o próprio itinerário da beleza, da sensibilidade lírica, unida à música, ao ritmo. E tudo procurou Schmidt revelar sob esse prisma.

A sua alma errou pelos recantos da natureza, ouvindo e traduzindo as vozes do mar, das estrelas, do vento. O cântico da noite, nos ritmos mais embriagadores, que o próprio poeta se sente pequeno para traduzir. Revelam-nos também os seus poemas emoções as mais intensas e um mundo de aspirações e de entendimentos. A morte, na sua grandeza e compreensão. O amor na sua necessidade. O cristianismo, na sua beleza simples e primitiva. O poeta faz os mais vibrantes apelos pela volta do homem à redenção com Cristo.

E' esse o mundo da obra schmidteana. Mundo acessível, onde tudo está iluminado e todas as entradas convidam os visitantes, porque Schmidt sempre desejou e nunca fugiu de dar a expressão da beleza para que "as almas que não sabem falar" recebam e guardem para sempre. Porque ele sempre aspirou ser "o poeta das coisas mais simples".

"Das coisas que as almas mais simples podem alcançar".

e lutou para que se realizasse essa aspiração em toda sua obra.

Dentro da atual poesia brasileira, Augusto Frederico Schmidt é, sem dúvida, um dos mais impressionantes vultos, não somente pelo seu valor poético, mas sobretudo pela sua defesa da poesia para o mundo. E' o segundo caso grandioso da poética brasileira: Castro Alves levando pela poesia o povo à conquista de seus direitos mais sagrados; Schmidt aproximando do povo a poesia, levando-a à conquista de si mesma.

PADARIA

Princesa Isabel

a princesa da panificação pernambucana. Ao descer da ponte SANTA ISABEL, bem no coração da cidade, ergue-se a padaria predileta dos recifenses, ostentando orgulhosa os diversos prêmios que lhe foram concedidos em várias exposições.

ARTIGOS RELIGIOSOS — LIVROS,
BRNIQUEDOS, OBJETOS PARA
PRESENTES.

Importa e Exporta
BRONZES, METAIS PARA O CULTO
CATÓLICO, IMAGENS
DE CARTÃO PIERRE, HARMONIUS,
JARROS.

CASA ROMA

Propriedade dos
IRMÃOS SCHETTINI
IMPERATRIZ, 211

O ESPIRITO DA FISICA CONTEMPORANEA

GILBERTO DE MACEDO

O sentido das tendências das novas teorias da física elevou-a ao mais alto nível da inteligência humana. Sente-se, nela, toda a grandeza e esplendor do espírito criador do homem. Em verdade, as novas concepções físicas deram-lhe resultados revolucionários, com os rumos inesperados e fecundos. De uma fecundidade criadora e humana, suscitando o interesse da inteligência para a busca de uma realidade que é, certamente, inatingível, mas que, nem por isso, deixa de ter valor no plano espiritual, pois, como disse L. de Broglie, "a ciência logra plenamente o seu valor no plano espiritual: — ama-se a ciência porque é uma grande obra do espírito".

Se, anteriormente, a física era considerada como modelo das ciências, nos dias atuais, as suas novas descobertas dão-lhe um prestígio que antes nunca se suspeitara. Em todas as ciências, nota-se a influência da nova física. Influência que se estende além das ciências. Assim, a filosofia contemporânea recebe os seus influxos e sua orientação não pode deixar de ser influenciada pelos novos princípios. É suficiente citar o princípio de Heisenberg, exaltando a indeterminação no mundo físico, para que se perceba quão grande é a sua contribuição às novas teorias filosóficas. Também os problemas de individualidade, da continuidade e da descontinuidade que a mecânica ondulatória de L. de Broglie tem caracterizado de um modo científico e surpreendente, segundo o conceito antigo, todas essas interpretações eram impossíveis. E ainda mais, as novas descobertas na estrutura do átomo e de seu núcleo estão levando a novas precisões no conceito de "corpúsculo" e de suas "interações", como se deduz do estudo da descoberta dos "mesotons", os componentes da parte fundamental penetrante dos raios cósmicos.

Surge, agora, uma outra tendência, talvez a mais importante: a de substituir o conceito de partícula pelo de "organismo", resultante do princípio de continuidade.

A ciência e a filosofia se completam mutuamente. A nova física veio desmentir as afirmações positivistas, segundo as quais a ciência não reconhece a legalidade da metafísica. Em outras palavras: só os problemas mate-

riais ou as considerações deles resultantes pertenceriam ao domínio da ciência. "La base sur laquelle repose le positivisme — diz Planche — est, nous le concédons, solide; mais elle est très étroite. Il est donc nécessaire d'élargir cette base, ce que nous faisons en disant que la science doit être autant que possible débarrassée de toutes les influences procenantes du facteur individuel humain.

Pour y arriver, il lui faudra faire un pas dans le domaine de la métaphysique".

Como dizia Meyerson, "a ciência não só entende, deseja também compreender, explicar". Mas "explicar é identificar". E o notável filósofo da ciência dizia ainda "que não se pode constituir um sistema de dados científico à parte de toda ontologia".

Vê-se a concordância entre a filosofia de Meyerson e a física de L. de Broglie, no momento em que o filósofo afirma a existência de "irracionais" — como a constante de Planche —, que constituem o limite da explicação científica.

"En este instante, diz Antonio Caso, el físico de la materia y de la luz y el filósofo de la identidad y realidad se encuentran". Porque ambos admitem a existência de "fibras" que não se podem explicar. É do espiritualismo de Bergson que a nova física mais se aproxima. É suficiente refletir sobre as afirmações de Planck e sobre os pontos em comum existentes entre a física de L. de Broglie e o bergsonismo, para que se evidencie tal aproximação.

"Le réalisme spirituel, c'est la science elle — même qui maintenant l'exige", afirma André Rousseaux. E ainda: "On ne forçerait pas beaucoup les fait faire la part de l'humain et du divin. Il achève par là de s'accorder à la pensée bergsonienne. Comme elle, il a ébranlé les murailles où les doctrines positivistes et déterministes emprisonnaient la vie spirituelle".

Um certo caráter de subjetivismo introduzido pela física contemporânea nas descrições dos fenômenos, vê-se claramente nas teorias de Einstein e de Edington, em suas tentativas para deduzir a geometria às leis do eletromagnetismo. E também nas teorias estruturais, de onde se diz que a preferên-

cia por uma ou outra destas teorias é apenas uma questão de "estética".

Sobre a fecundidade dos novos conceitos é suficiente ver que o determinismo, tão caro aos físicos de outras épocas, foi derrotado na própria estrutura do átomo, onde, como se sabe, encontrava a sua maior afirmação.

As relações entre a física e as outras ciências são cada vez mais íntimas. E' desprovida de sentido a suposta autonomia entre a física e a biologia, entre a concepção "ideal" ou "abstrato-matemática", e a "real" ou biológica, como se supunha antigamente. E' grande a influência das novas concepções da física sobre o desenvolvimento da biologia moderna, e os novos estudos sobre genética, onde se considera o substrato da vida como corrido em partículas mínimas, tornam essa perspectiva ainda maior. E sobre isso é bom recordar a afirmação de L. de Broglie, ao comentar as previsões do Bohr: — "Tampoco es lícito observar de parada que un físico tan eminente como Bohr cree que las 'indeterminaciones' y los 'aspectos complementarios' de la física cuantica inanablemente a ocupar algun dia un lugar de destaque en las teorías de la biología". Afirmações essas baseadas nas mínimas dimensões das partículas dos genéticos, que por isso mesmo, deverão obedecer às leis quânticas.

E' da natureza da física moderna, profundamente complexa, que resulta a impossibilidade de um desenvolvimento paralelo entre os dados da experiência e os da teoria. Esses dados constituem representações diversas de uma mesma realidade; enquanto o experimentador fala de corpúsculo material, o teórico compreende nesta afirmação simplesmente uma fórmula matemática.

O experimentador e o teórico, geralmente, usam linguagens diferentes e sua formação espiritual é profundamente diversa. Tal falta de paralelismo vê-se nas recentes descobertas da física nuclear: a descoberta do "positron" por Anderson sem o conhecimento da teoria de Dirac, segundo o testemunho autorizado de Jean Leprince-Ringuet, a descoberta da difração dos electrons por Danilsson sem o preciso conhecimento da teoria de L. de Broglie; depois, a do "neutron" por Both e Becker, primeiro, e, depois, por Joliot Curie, sem terem dados resultantes convincentes, foi, entretanto, logo depois, realizadas por Chadwick, da escola de Cambridge, com fecundos resultados, como consequência de melhor aparelhamento e de um grande conhecimento teórico dos discípulos de Rutherford, mostrando como o progresso é maior quando se associa a experimentação à teoria, como nesse caso, e, na notável descoberta experimental dos

"mesotons", descoberta essa que se efetuou paralelamente à descoberta teórica.

A natureza das novas teorias físicas não exige para o seu desenvolvimento apenas a posse de "cultura", de conhecimento: é necessária a aptidão inata, que dá ao sábio essa capacidade intuitiva de atacar os problemas e aplicar os seus conhecimentos no ponto necessário e no tempo preciso de um modo mais proveitoso possível. Problema, portanto, de ordem individual. Veja-se por exemplo a intuição notável de L. de Broglie, ao mostrar, de um só golpe, a dualidade da realidade física: corpúsculo e onda, base da mecânica ondulatória; os trabalhos de Enrico Fermi, e isto sob outro prisma, aplicando os cálculos matemáticos na resolução dos problemas físico-químicos. E em todos os grandes sábios, e, principalmente, nesses construtores das novas teorias quânticas e relativistas, encontra-se essa capacidade intuitiva de alcançar os problemas como a fonte de todos os progressos.

Como em poesia, em pintura, e em arte em geral, em que o artista percebe e traduz as belezas, enquanto que o não dotado de sensibilidade artística, nas mesmas circunstâncias, não percebe, e, se percebe não traduz, não exterioriza o que sentiu.

Desse modo, compreende-se que a socialização da ciência não conduzirá, naturalmente, a um processo coletivo de interpretação científica. Haverá, sempre, os precursores.

Um grande problema é o que se refere às relações entre a ciência e a justiça. Recentemente, em um discurso que pronunciou na Sorbonne, nas comemorações de 73.º aniversário o eminente físico Langevin, disse que não tem havido um desenvolvimento paralelo entre a ciência e a justiça, pois enquanto a primeira se desenvolvia rapidamente, a segunda, segue sua marcha lenta e disso resulta que nossas organizações sociais não sejam adequadas aos nossos meios de ação. E refere-se à necessidade de colaboração estreita da ciência e da justiça. Colaboração que consistiria essencialmente na "aplicação dos métodos científicos na resolução dos problemas humanos e no desenvolvimento da consciência cívica entre os que contribuem para o desenvolvimento da ciência".

*

Apesar dos esforços em contrário, há ainda, nos dias atuais, uma grande e profunda separação entre os conceitos da ciência e os do sentido comum. A introdução de uma nova linguagem, característica da física, é uma expressão dessa separação. Consequência da orientação revolucionária seguida nos de-

envolvimentos científicos nos últimos anos: a ciência não busca mais todos os seus conceitos no sentido comum; ela os cria e os introduz em suas interpretações. Veja-se por exemplo, a evolução que sofreu ultimamente o conceito de "matéria", que no sentido comum significa referência à substância, ao que está ou é "cheio" de substância e em física moderna, quer dizer justamente o contrário: ausência de substância, o espaço povoado por campos de força, campos que, de acordo com a expressão de Eddington, devem ser designados sob a categoria de "coisas", e sim de "influências". Só a representação simbólica é capaz de interpretar com precisão a realidade. A matéria é para o físico contemporâneo um conjunto de símbolos matemáticos. Símbolos cuja interpretação e desenvolvimento se encontram expostos nas nota-

veis construções teóricas de caráter provisório.

"A física é uma ciência simbólica". E o símbolo está ligado a todo e qualquer conhecimento.

O sentido espiritual da física atual resultou dos estudos e das descobertas feitas sobre a estrutura da matéria. Parece paradoxal, à primeira vista, que esta ciência, que era essencialmente materialista, tenha atingido o polo oposto em suas especulações, constituindo, como diria Brunschwig, a "alma de espiritualidade" da ciência atual. Eddington, Jeans e Whitehead chegaram a deduzir a existência de Deus através de suas reflexões sobre a estrutura dos núcleos atômicos. "Deus é a limitação última e a sua existência é a última irracionalidade" (Whitehead).

O ESTUDANTE E A CAMPANHA, etc.

(Conclusão)

crimes que se cometiam nas repartições policiais contra os presos comuns e contra os presos políticos, e para nós, estudantes em particular, sobretudo a vergonha, a suprema humilhação de termos em um colega de estudo, um investigador policial de nossas palavras e de nossos atos.

Tudo isso não podia mais continuar!

O estudante que sempre foi nobre e idealista, que outrora se chamou Castro Alves e ensinou que "a praça, a praça é do povo", não podendo mais suportar esse estado de coisas, rebelou-se. Uma revolta que, hoje, todos devem compreender e amar. Uma revolta que o futuro vai dizer se foi ou não justa, se foi ou não idealista, se foi ou não paga pelos ricos.

Os estudantes de Pernambuco foram os vanguardeiros da resistência democrática, no Brasil. E por isso, a necessidade que sentiram de se unir a todos os partidos que combatiam aquele regime de força e de grades, embora não pertencessem a nenhum desses partidos.

É esse critério se positivou mais tarde aos olhos de todos, quando escolhemos

para defender o povo na Constituinte, um escritor que não era candidato de nenhum partido, que não tinha compromissos com nenhuma facção religiosa, nem com nenhum pensamento econômico, que figurou na chapa de um partido político, é verdade, pela obrigação de cumprir um dispositivo legal, mas que tinha, para defendê-lo dessa atmosfera partidária, o seu passado e o nosso presente.

Foi essa e será sempre essa a atitude dos estudantes. Não seremos culpados se traírem os nossos propósitos. Mas aí daquele que trair o espírito de independência e de bravura cívica dos estudantes. Melhor fora que não houvesse nascido!

Com o mesmo entusiasmo com que cremos, combatemos. Jamais pela transigência ou pela conveniência particular. Baixaremos até aos vermes presos aos caminhos do mundo. Esperamos sempre que as crisálidas criem azas e cheguem até nós.

O povo pode confiar nos estudantes. A classe está pronta para novos sacrifícios. A mocidade é uma riqueza de vida, de entusiasmo e de despreendimento, e sabe guardar o segredo da Liberdade!

DO MEU CADERNO DE TEATRO

HERMILIO BORBA FILHO

1—Há muita gente que fala em Victorien Sardou quando se refere à *habilidade teatral*. Eu, porém, quando me refiro a esta habilidade, não quero saber se o autor escreveu a sua peça dentro da chamada *carpintaria*, mas o que me interessa é o seu fogo interior, a sua força em comunicar a paixão, independente dos efeitos cênicos, dos golpes espetaculares, movido pelo bom sentido da ação, o que não quer dizer que ele se valha dos enredos complicados e das situações difíceis, à maneira dos folhetins.

2—Nelson Rodrigues escreveu uma tragédia chamada *Album de Família* e a censura não permitiu que a mesma fôsse representada, porque iria ferir o pudor da burguesia. É triste que estejamos tão atrasados no domínio da arte. É preciso saber, primeiro, se a obra representa arte ou não. Se representa, é um crime impedir-se que a peça seja montada, pois as obras de arte estão acima da moral. Os gregos, os gregos, com Édipo marido da própria mãe e a paixão de Electra pelo pai. Os gregos não tinham um funcionário —daqueles que eu chamo os — homens de colarinho duro — para censurar o pensamento artístico.

3—O Teatro do Estudante entrou em contacto com o povo e já pode desmentir certos sujeitos mentirosos

que dizem que o povo não entende as obras de arte. Nós estamos acabando com essa mentira, cuja única finalidade é ganhar dinheiro com mais facilidade, montando peças fáceis, embora de conteúdo duvidoso. Pode ser que o povo esteja com o gosto artístico estragado, isto sim, mas ele é capaz de sentir o que é belo, principalmente quando o belo é apresentado sem embustes, "sem o véu diáfano da fantasia".

4—Garcia Lorca está sendo injuriado, está sendo negado. Mas todo o seu teatro continua afirmando a beleza do criador, que soube dar vida a personagens como aquela *Mãe de Bodas de Sangre* e aquela mulher de ventre murcho, que se chama Yerma. Não, Lorca, isto não acontecerá:

"Todo mi sufrimiento se ha
de perder, Dios mío,
Como se pierde el dulce sonido
de las frondas?"

5—Raramente tenho visto uma coisa tão curiosa como o que vi nessa peça de Carlos Lacerda: *O Rio* tem um enorme conteúdo dramático e nenhuma forma dramática. Os personagens falam, sofrem como diabo, a tristeza de suas vidas desgraçadas toma conta da gente, mas nada acontece de "visual". É uma

peça estática. Afinal de contas talvez o autor haja conseguido o que queria: dar a idéia da pasmaceira de uma cidade do interior, onde tudo é trágico, até o ar que se respira e a água que se bebe, sem extravazamentos, sem choques, sem luta, daí nascendo — por isto mesmo — um trágico mais terrível. Aquele que se conforma.

6—Já é uma tradição para as universidades americanas possuírem o seu teatro. O drama é estudado em seus menores detalhes históricos e constituem matérias do curso: Filosofia do Teatro, História do Teatro, Literatura Teatral, tudo aplicado às representações regulares. Lá, a arte de representar é aceita como uma das grandes manifestações do espírito humano. Aqui, a mocinha não arranja casamento se pisar num palco e o rapazinho é má conduta se aparecer à luz das gambiarras.

7—O drama é uma arte mais popular do que o romance, uma vez que apela, não para o indivíduo, mas para o povo. (Clayton Hamilton — *The Theory of the Theatre*).

8—*Yerma* — o drama da esterilidade:
"Eu não penso no amanhã. Tu estás velha e vês tudo como se

fôsse um livro já lido. Eu penso que tenho sede e não tenho liberdade. Quero ter o meu filho nos braços para dormir tranquila e — ouve bem e não te espantes do que digo — ainda que eu soubesse que o meu filho iria martirizar-me depois e iria odiar-me, iria arrastar-me pelas ruas, receberia com prazer o seu nascimento, porque é muito melhor chorar por um homem vivo que nos apunhala, do que chorar por este fantasma sentado ano após ano em cima do meu coração"

Ao Terceiro — Quadro Primeiro

9—O melodrama está morto. O teatro é agitado por um sopro de paixão, de luta, de sofrimento.

10—Aqueles que, criminosamente, desejam ver no teatro uma arte mecânica e ficam parados nas fórmulas académicas, sem se inquietarem com a beleza das novas formas, sempre acham que o melhor autor é aquele que sabe conduzir uma peça de acôrdo com uma receita já preparada e não admitem a fuga para novos planos dos que têm, realmente, a liberdade da criação artística. Não é a *mise-en-scène* que faz a peça, mas a peça que faz a *mise-en-scène*.

Os mais belos tecidos

para ambos os sexos!
O melhor alfaiate da cidade!

Casa Lúcia

a princezinha dos tecidos bonitos da

RUA DA IMPERATRIZ, 973

(Antiga 100 Mil Paletós)

Tudo para Esportes

CASA SPORT

IMPERATRIZ, 282

FONE 2000

R E C I F E

Garanta

SUA INSTALAÇÃO ELÉTRICA
E SUA CASA SUBSTITUINDO
OS FUSÍVEIS SIMPLES
PELOS **AUTOMÁTICOS**

Elfa
AEG

UMA VEZ COLOCADO
FICARÁ PARA SEMPRE

DEPOSITARIOS: CARDOZO AYRES & CIA.
RUA DO BRUM, 101-1º RECIFE

A VENDA NAS PRINCIPAIS CASAS



DO RAMO

SÉDAS E PERFUMARIAS

A CIDADE

(a casa dos mais
lindos tecidos)

A casa que mais barato
vende na cidade

Imperatriz, 94

FONE 3103

TENHA EM CADA MÓVEL
UM SOL BRILHANTE...
COM O USO DE

POLIMOVEL

"O MONARCA DO BRILHO"

FABRICANTES:

RAMOS & MÉLO

AV. MANOEL BORBA, 87

FONE 2379

...E as chuvas chegaram

As

LOJAS PAULISTA,

próprios à estação inver-
nosa, acabam de receber
grande e variado sortí-
mento de tecidos, as me-
lhores e mais baratas fa-
zendas.

Brins, fazendas de lã,
garbadines e todos os te-
cidos destinados às rou-
pas de inverno. Homem,
senhoras, senhorinhas e
crianças encontram nas

LOJAS PAULISTA

Façam uma visita às

LOJAS PAULISTA

e verifiquem os preços
melhores da cidade.

Os tecidos marca OLHO
são os mais recomendá-
veis pela sua durabilida-
de e cor fixa.

Lojas Paulistas

RUA NOVA

PRACA DA INDEPEN-
DENCIA

LARGO DA ENCRUZIL-
HADA



CASA M. RODRIGUES LINS & MOREIRA

Vendendôres exclusivos de Araruta
SEM RIVAL e dos produtos LIMOR.
CREME DE INHAME, CREME DE
MACACHEIRA, CREME DE MAN-
DIOCA, CREME DE ARROZ, FÉCU-
LA DE BATATA. Especialista em
mercadoria para fabricação de bôlos,
massa de mandioca, farinha de trigo,
farinha de arroz, Goma de Mandio-
ca, etc.

Rua do Rangel, 185 e 189

CASA PRAXEDES

— DE —

A. L. Praxedes

ALFAIATARIA
CIVIL E MILITAR.

Cambôa do Carmo, 116

RECIFE - PERNAMBUCO

De 5 a 11 de Agosto

NO

ART- PALACIO

RKO-RADIO

voltará a apresentar

O CORCUNDA DE NOTRE DAME

O soberbo espetáculo
com o grande

Charles Laughton

e a encantadora

Maureen O'Hara

Posto "REX"

—(o)—

GASOLINA,
ALCOOL-MOTOR,
ÓLEOS E ACESSÓRIOS
SERVIÇO ESPECIALIZADO
DE LAVAGEM
E LUBRIFICAÇÃO

Telefone e obtenha a hora
marcada para seu auto,

—(o)—

Praça 13 de Maio

Telefone: 2068

RECIFE - PERNAMBUCO

A palavra Graciosa

Quando ouviamos pronunciar a palavra GRACIOSA tínhamos logo diante de nossa imaginação a figurinha esbelta de uma dessas "Carôtas" que Alceu Pena desenha para as revistas do sul.

Agora, porém, quando ouvimos alguém pronunciar o vocábulo GRACIOSA, qual a figura que se forma em nossa mente? O sr. Abraão Carlos Aliz, legítimo amigo do nosso povo, com um sorriso sempre a aflorar em seus lábios, no balcão da A GRACIOSA (Casa Santa Teresinha), dando o mais vivo combate à carestia da vida, vendendo de graça os artigos que dão graça ao gentil sexo feminino. É por isso que, quando se passa pela rua Duque de Caxias, em frente à GRACIOSA (Casa Santa Terezinha), parece que se avista ali um autêntico formigueiro humano.